



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
CAMPUS FEDERAÇÃO  
BACHARELADO EM FILOSOFIA**

**RODRIGO DO NASCIMENTO BRITO**

**A RESPONSABILIDADE DO PARA-SI NO EXERCÍCIO DA LIBERDADE EM  
SARTRE**

Salvador  
2020

**RODRIGO DO NASCIMENTO BRITO**

**A RESPONSABILIDADE DO PARA-SI NO EXERCÍCIO DA LIBERDADE EM  
SARTRE**

Trabalho de conclusão apresentado ao curso de graduação em Filosofia, da Universidade Católica do Salvador, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Valério Hillesheim

Salvador  
2020

**RODRIGO DO NASCIMENTO BRITO**

**A RESPONSABILIDADE DO PARA-SI NO EXERCÍCIO DA LIBERDADE EM  
SARTRE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel  
em Filosofia, da Universidade Católica do  
Salvador.

---

Prof. Dr. Valério Hillesheim – Orientador

UCSAL

---

Prof. Me. Jorge Freire Póvoas

UCSAL

---

Prof. Dr. Jose Luis Sepulveda Ferriz

UCSAL

APROVADO EM \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

Salvador

2020

Dedico este trabalho a todas as pessoas que tornaram possível a sua realização.

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da minha existência e por ter me sustentado em tantos momentos difíceis. À minha família, de modo especial à minha mãe, Ivanildes Menezes, ao meu pai, João Nery Brito, à minha tia, Maria Menezes, e ao meu primo, Hugo Menezes. Sou imensamente grato a vocês.

A Dom Valdemir Ferreira dos Santos, bispo da Diocese Amargosa, por seu zelo de pastor e pai, e a esta Diocese que me acolheu como um filho, durante o período que estive no seminário.

A Dom João Nilton Santos Souza, bispo emérito desta mesma diocese, por sua amizade, carinho e constante presença em minha vida.

A todos os padres que me acompanharam e fizeram parte do meu processo formativo, durante o período que estive no Seminário Nossa Senhora do Bom Conselho.

Aos amigos-irmãos com os quais tive a alegria de conviver durante o tempo que fiquei no seminário, de modo particular, Marcelo Conceição, Magno Brito, e Jeremias Nascimento. Gratidão a vocês pelo apoio, amizade, conselhos e partilhas.

À Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e à Faculdade Católica de Feira de Santana (FACFS), por terem me proporcionado a oportunidade de aprofundar os meus conhecimentos. Também externo a minha gratidão a todos os professores do curso de graduação em Filosofia, da UCSAL, em especial ao professor Dr. Paulo Vasconcelos, coordenador do curso. Sou muito grato a cada um de vocês.

Gratidão ao meu orientador, professor Dr. Valério Hillesheim. Apesar da distância que nos foi imposta pela pandemia, ele sempre se fez presente e solícito nos momentos fundamentais para a realização deste trabalho. Muito obrigado!

Aos colegas do curso com os quais tive a oportunidade de partilhar conhecimentos, aprender e buscar apoio nos momentos difíceis do percurso da graduação.

Também não poderia deixar de agradecer às políticas afirmativas de cotas e a todas as políticas públicas que tentam dirimir as desigualdades sociais, tão evidentes em nosso país, tornando assim o acesso ao ensino superior uma realidade acessível a todos.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram e colaboraram para a realização deste trabalho, de modo especial aos amigos: Matheus Franklin, Jociel Nunes, Renielle Santos, Marco Antônio, e Maurício Pereira. A vocês e a todos os outros, a minha eterna gratidão.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o conceito de responsabilidade do Para-si no exercício da liberdade em Sartre, a partir da obra *O Ser e o Nada* de Jean Paul-Sartre. Tendo em vista o fato da liberdade ser entendida por Sartre como uma realidade ontológica que caracteriza o homem, este trabalho questiona de que modo o autor concebe a responsabilidade do Para-si no exercício da liberdade. A natureza dessa pesquisa possui o caráter bibliográfico e foi desenvolvida seguindo o método estrutural. Para a realização de tal análise foi necessário definir e desenvolver três objetivos específicos, a saber: examinar de modo introdutório a diferença na relação dos conceitos sartrianos de “*ser-Em-si*” e “*ser-Para-si*” na construção do conceito de “liberdade”; descrever o conceito de nadificação no exercício da liberdade; e apresentar os aspectos da fuga da responsabilidade contidos no conceito de “Má-fé”. Esta análise realiza no primeiro momento uma breve abordagem sobre o existencialismo filosófico, com ênfase nas contribuições de Sartre sobre o assunto, e examina de modo introdutório a diferença na relação dos conceitos sartrianos de “*ser-Em-si*” e “*ser-Para-si*” na construção do conceito de liberdade. No segundo momento pretende descrever o conceito de nadificação no exercício da liberdade, enfatizando o papel da consciência nesse processo. Por fim, se apresenta alguns aspectos da fuga da responsabilidade contidos no conceito de “Má-fé”.

**Palavras-chave:** Liberdade. Responsabilidade. Para-si. Má-fé. Nadificação.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the concept of For-itself responsibility in the exercise of freedom in Sartre, from the work *Being and Nothingness* of Jean Paul-Sartre. Since freedom is understood by Sartre as an ontological reality that characterizes man, this work questions how the author conceives the responsibility of For-itself in the exercise of freedom. The nature of this research has a bibliographic character and was developed following the structural method. In order to carry out such an analysis, it was necessary to define and develop three specific objectives, namely: to examine in an introductory way the difference in the relation of the Sartrian concepts of “being-in-itself” and “being-for-itself” in the construction of the concept of "freedom"; describe the concept of nothingness in the exercise of freedom; and to present the aspects of the evasion of responsibility contained in the concept of “Bad Faith”. This analysis at first takes a brief look at philosophical existentialism, with an emphasis on Sartre's contributions on the subject, and examines in an introductory way the difference in the relationship of Sartrian concepts of “being-in-itself” and “being-for-themselves ”in the construction of the concept of freedom. In the second moment, it intends to describe the concept of nothingness in the exercise of freedom, emphasizing the role of conscience in this process. Finally, it presents some aspects of the escape from responsibility contained in the concept of “Bad Faith”.

Keywords: Freedom. Responsibility. For-itself. Bad faith. Nothingness.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 A LIBERDADE SITUADA DO PARA-SI</b> .....	10
2.1 O EXISTENCIALISMO SARTRIANO .....	10
2.2 O PARA-SI: O PROJETO DE SER .....	14
2.3. CONDENAÇÃO SITUADA.....	18
<b>3 NADIFICAÇÃO: A RELAÇÃO ENTRE CONSCIÊNCIA E OS OBJETOS DO MUNDO</b> .....	24
3.1 A CONSCIÊNCIA .....	24
3.2 O NADA.....	29
<b>4 DISSIMULAÇÃO DA LIBERDADE NA FUGA DA RESPONSABILIDADE - O CONCEITO DE “MÁ-FÉ”</b> .....	38
4.1 A FUGA DE SI PRÓPRIO: NEGAÇÃO DO PROJETO DE SER .....	38
4.2 A MÁ-FÉ.....	44
<b>CONCLUSÃO</b> .....	54
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	



## 1 INTRODUÇÃO

Jean-Paul Sartre Charles Aymard (1905-1980), mais conhecido como Sartre, nasceu em Paris, França, no dia 21 de junho de 1905. Dentre as várias atribuições desenvolvidas por ele, é difícil eleger uma única que o possa caracterizar de modo sucinto. Isso deve-se ao fato de que, “Nenhum filósofo da história foi, como Sartre, romancista, dramaturgo, crítico literário, crítico de arte, jornalista, militante político - e, talvez por essa atividade múltipla, ele teve a escutá-lo a audiência mais vasta que um pensador conheceu em vida.” (PERDIGÃO, 1995, p. 17).

Dentre as inúmeras obras escritas e publicadas pelo pensador parisiense, *O Ser e o Nada* ocupa um lugar de destaque dentro do seu sistema filosófico. Por meio desta obra, o escritor francês inaugura um novo existencialismo filosófico. O livro foi publicado em 1943, no contexto de pós-Segunda Guerra Mundial: momento muito delicado da história, marcado por incertezas e pela busca de respostas, que pudessem colaborar para o entendimento de tantos acontecimentos desastrosos. Trata-se de um denso tratado filosófico, no qual o autor elabora novos conceitos e discorre sobre temáticas já abordadas no campo da filosofia, se contrapondo muitas vezes a concepções de grandes pensadores como Edmund Husserl, Heidegger, Hegel.

Uma das principais características das considerações e reflexões realizadas por Sartre, consiste no estabelecimento da subjetividade humana como ponto de partida para conduzir as suas investigações. Ele estabelece o homem no centro de todas as reflexões que realiza, e exclui qualquer tipo de realidade transcendente que esteja ou se encontre acima das realidades imanentes. Isso exclui a possibilidade da existência de um deus ou de qualquer outra entidade que seja responsável por dar origem e sustentar a existência do homem no mundo. Ao realizar tal processo, o pensador francês estabelece o homem como um ser condena a liberdade. Em decorrência dessa condenação, o indivíduo é totalmente responsável por si, por seus atos e por sua existência no mundo. Não existe espaço para fatalismos, determinismos ou qualquer tipo de desculpas que possa ser utilizada pelo homem, como tentativa de justificar as suas ações e escolhas.

O existencialismo sartriano tem como máxima de sua teoria, a precedência da existência ante a essência. O pensador francês defende a existência do homem como um projeto de ser. Assim sendo, o indivíduo é totalmente responsável por si e por todas as suas ações. Ele é um ser indeterminado e será apenas aquilo que fizer de si. Por ser uma interrogação, precisa buscar respostas para si e para o mundo. A sua vida não tem uma origem estabelecida ou um fim pré-determinado. Ele se encontra no mundo com o um ser lançado, jogado, entregue a si

mesmo. “É nessa concepção de homem entregue a si mesmo que desponta o humanismo de Sartre, implicado na liberdade e na responsabilidade radicais.” (SILVA, 2013, p. 14).

Ao considerar a concepção sartriana<sup>1</sup> de liberdade, pode-se ousar a dizer que: sem responsabilidade é impossível ser livre. Isso porque, a primeira responsabilidade que decorre dessa liberdade, faz repousar sobre o homem a necessidade de construir a si mesmo, atribuindo significado a sua existência. Ele não pode se furtar desse projeto, pois é o único ser capaz dar significado a sua vida, buscando respostas para si e para o mundo, por meio das ações que exerce na realidade contingente. “O sujeito não tem com quem dividir a responsabilidade pelos atos livres porque a escolha sempre emana da indeterminação existencial e da contingência histórica.” (*Ibidem*). Em decorrência disso, se encontra sozinho no mundo, totalmente desamparado nessa tarefa de existir, é o único responsável por conferir significado a sua existência, mediante a vivência desse projeto existencial, marcado pela indeterminação.

Para o escritor parisiense, a liberdade não é uma realidade externa ao homem, ela é um elemento constitutivo da própria existência humana. O homem é condenado a ser livre e não pode se furtar desta condição existencial que o caracteriza enquanto ser. Sartre o denomina como sendo um ser-Para-si. Levando em consideração essa condenação, de que modo pode-se conceber a responsabilidade do Para-si no exercício da liberdade? Este é o principal problema desta pesquisa, e os capítulos deste trabalho estarão organizados para respondê-lo.

Com o intuito de responder os questionamentos que surgem em torno da temática deste trabalho, o objetivo geral desta pesquisa é analisar a relação do conceito de responsabilidade do Para-si no exercício da liberdade em Sartre. Para alcançar este objetivo, se fez necessário o estabelecimento de mais outros três objetivos que direcionaram a pontos mais específicos na construção desse trabalho. Os objetivos específicos possuem o intuito de: examinar de modo introdutório a diferença na relação dos conceitos sartrianos de “*ser-Em-si*” e “*ser-Para-si*” na construção do conceito de liberdade; descrever o conceito de nadificação no exercício da liberdade; apresentar os aspectos da fuga da responsabilidade contidos no conceito de Má-fé.

O método empregado para realização deste trabalho é o estrutural, pois ele possibilita uma análise atenta dos conceitos filosóficos, conforme a concepção sartriana. Segundo Goldschmidt (1970), o método estrutural pode ser entendido como um modo de percorrer o caminho metodológico empreendido pelo autor, de modo que, esse movimento não considera tanto as questões cronológicas do texto, mas sim as questões lógicas da estrutura.

---

<sup>1</sup> A opção foi adotar a grafia sartriana. Ela é utilizada pela maioria dos comentadores consultados para a realização deste trabalho. (cf. SOUZA, 2019, p. 12, 13, 44; BORNHEIM, 1971, p. 22, 29; BURDZINSKI, 1999, p. 09, 11).

Para compreender os desdobramentos da filosofia de Sartre, e entender os conceitos inaugurados por ele, se faz necessário retomar questões do existencialismo sartriano, como a responsabilidade do Para-si no exercício da liberdade, a fim de que o homem possa compreender a si mesmo e assim assuma o seu projeto existencial, sobretudo, no contexto da atual sociedade, cada vez mais confusa, permissiva e perdida em si mesma, porque não compreende o real significado da existência humana. Por não entender esse significado, os homens tornam-se incapazes de assumir com autenticidade a responsabilidade sobre si e sobre os outros homens e confundem a liberdade com a inexistência de responsabilidades.

O caminho adotado para a realizar as investigações do presente trabalho, está dividido em três capítulos, a saber: Liberdade situada do Para-Si; Nadificação: a relação entre consciência e os objetos do mundo; Dissimulação da liberdade na fuga da responsabilidade - o conceito de “má-fé”. Inicialmente, no primeiro capítulo, será feita uma breve abordagem sobre o existencialismo filosófico, com ênfase nas contribuições de Sartre sobre o assunto, examinando de modo introdutório a diferença na relação dos conceitos sartrianos de “*ser-Em-si*” e “*ser-Para-si*” na construção do conceito de liberdade. Na perspectiva do filósofo francês ser livre é agir de forma autônoma no mundo, conferindo significado as coisas e a si mesmo. Esta ação é melhor compreendida por meio de uma distinção que Sartre faz entre os dois tipos de seres existentes no mundo: o ser-Para-si e o ser-Em-si. O Para-si pode ser entendido como o homem; um constante projeto de ser, sempre em construção. Ao passo que o Em-si são os seres plenos e acabados.

No segundo capítulo será abordado o conceito de nadificação no exercício da liberdade. Estar condenado a liberdade, é estar condenado a agir, modificando a figura do mundo e a si mesmo. Um dos modos de ação do homem no mundo, acontece mediante o processo de nadificação. Trata-se de um processo operado pela consciência, no qual é possível perceber o surgimento do nada no mundo. Compreender esse processo é um ponto chave para entender os modos de ação do Para-si.

Por fim, no terceiro capítulo, será apresentado os aspectos da fuga da responsabilidade contidos no conceito de “Má-fé”. O resultado da condenação humana a liberdade é a inegável responsabilidade que cada indivíduo carrega consigo. Assim, cada pessoa torna-se totalmente responsável por suas ações, escolhas, fracassos e sucessos enquanto estiver existindo. Entretanto, essa responsabilidade é constantemente ameaçada pelo próprio homem, quando este assume posturas que tentam negar a sua existência como liberdade, numa tentativa de se eximir da desafiadora e irrefutável tarefa que é existir como um projeto de ser. Sartre classifica esse tipo de postura como má-fé.

Infelizmente, muitas pessoas confundem liberdade com a ausência de responsabilidades. Para o senso comum, ser livre é não ter qualquer tipo de responsabilidade, é agir sem respeitar regras. Contudo, a filosofia nos atesta que não é bem assim. Ser livre, não é sinônimo de ser irresponsável, mas ao contrário, liberdade e responsabilidade caminham juntas, são inseparáveis. Esta relação, ocupa um lugar central na filosofia de Sartre. Para o filósofo, “[...] o homem é liberdade. [...] está condenado a ser livre. Condenado, pois ele não se criou a si mesmo, e, por outro lado, contudo, é livre, já que, uma vez lançado no mundo, é o responsável por tudo que faz.” (SARTRE, 2014, p. 24).

As considerações do filósofo francês sobre o homem, continuam sendo extremamente atuais, porque, “O pensamento de Sartre vai da análise da realidade humana individual e subjetiva, tema de suas primeiras reflexões, até o estudo dos grandes horizontes da existência do homem no corpo social e a interpretação do movimento global dos acontecimentos históricos [...]” (PERDIGÃO, 1995, p. 18). Por esse motivo, a retomada e o estudo atento de aspectos deste pensamento, pretende colaborar com as reflexões filosóficas já existentes, a fim de compreender de modo mais adequado o homem e a sua relação com o mundo.

O pensador francês foi um dos maiores filósofos da história. O seu pensamento modificou de forma significativa a concepção filosófica sobre o homem. A filosofia existencialista, empreendida pelo filósofo no século XX, é “[...] um genuíno humanismo, capaz de fazer a vida humana compreensível, por definir o homem como responsável pelo que é, por libertá-lo de qualquer causa que pudesse determinar a sua ação [...]” (PERDIGÃO, 1995, p. 21). O existencialismo de Sartre foi e continua sendo responsável por significativas mudanças e colaborações no campo da filosofia, artes, literatura, política, psicanálise, entre outras áreas do conhecimento. O seu pensamento continua sendo extremamente atual, por esse motivo, deve ser constantemente revisitado e atualizado para as demandas da contemporaneidade.

## 2 A LIBERDADE SITUADA DO PARA-SI

Para o filósofo francês, Jean-Paul Sartre, a liberdade não se trata de uma conquista pessoal ou de um objetivo que se possa alcançar mediante uma escolha ou um desejo humano. Ela é um elemento constitutivo da própria existência humana; é uma condenação da qual nenhuma pessoa pode escapar. “De fato, somos uma liberdade que escolhe, mas não escolhemos ser livres: estamos condenados à liberdade [...]” (SARTRE, 1997, p. 596-597).

Essa condenação, estabelece o indivíduo como sendo responsável por realizar escolhas a todo instante de sua existência. Tais ações não estão dissociadas da realidade na qual se encontra; elas sempre estarão situadas em um contexto, localizadas em um período e tempo da história. Neste sentido, a liberdade é muito mais do que um conceito, ela é uma realidade concreta que define o homem e acontece em consonância com os acontecimentos históricos.

### 2.1 O EXISTENCIALISMO SARTRIANO

O existencialismo<sup>2</sup> filosófico modificou paradigmas na história da filosofia. Esta linha de pensamento, teve início no século XIX, com as investigações do filósofo dinamarquês, Søren Kierkegaard<sup>3</sup>: considerado o primeiro filósofo a romper com as tradições essencialistas<sup>4</sup>. Ele estabeleceu uma nova concepção do conceito de “indivíduo”, abrindo novos caminhos de reflexão e discussão em torno do homem.

Devido a este filósofo dinamarquês, o existencialismo teve o seu nascimento, mas é a partir de Sartre que o movimento ganhou notoriedade no mundo, sobretudo, após os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Este pensador francês radicalizou as ideias

---

<sup>2</sup> Reynolds (2014, p. 13), ao comentar sobre o existencialismo diz que: “Uma dificuldade desse projeto é que o termo ‘existencialismo’ não foi inicialmente usado por nenhum desses filósofos, e não aparece em quaisquer dos textos canônicos da tradição: nem em *O ser e o nada* de Sartre nem em *Ser e tempo* de Heidegger. Na verdade, o termo foi inicialmente cunhado por Marcel, descrevendo Sartre e outros, e somente veio a ser aceito por Sartre e de Beauvoir alguns anos mais tarde em 1945”.

<sup>3</sup> De acordo com Giles (1989, p. 07): “Talvez seja Kierkegaard o pensador de maior destaque da corrente existencialista, por ser o primeiro da referida corrente, como também pela própria perspicácia das análises que faz da situação em que o homem moderno se encontra e, sobretudo, pela influência que exercem sobre todos os filósofos existencialistas-fenomenólogos contemporâneos”. Tal influência pode ser constatada nas concepções do filósofo francês, Jean-Paul Sartre.

<sup>4</sup> O essencialismo é uma visão clássica da existência, que defende a precedência da essência ante a existência. Nesta concepção de existência, o homem é compreendido e analisado, a partir da essência. Segundo Oliveira (2003, p. 37): “Isso significa que, no desenrolar de sua história, a filosofia ocupou-se na maioria das vezes com o estudo da essência, da ideia, do universal, ou seja, daquilo que permanece nos seres; restando pouco espaço para a reflexão a respeito do indivíduo particular em sua contingência e transitoriedade”. Partindo da inversão das concepções essencialistas, Sartre tomou a subjetividade como ponto central de suas reflexões e considerações sobre o ser, focado no estudo e análise das realidades individuais de cada homem.

existencialistas, propostas inicialmente por Kierkegaard, principalmente no que diz respeito ao indivíduo e a subjetividade<sup>5</sup>. O existencialismo sartriano é “[...] uma doutrina que torna a vida humana possível e que, por outro lado, declara toda a verdade e toda a ação implicam em meio e uma subjetividade humana.” (SARTRE, 2014, p. 16). Desse modo, as suas reflexões estão fundamentadas na análise da subjetividade do homem. Em decorrência disso, muitas incompreensões e equívocos de interpretação surgiram em torno do existencialismo proposto pelo sucessor de Kierkegaard.

Antes, porém, do existencialismo ser temática dos trabalhos do autor de *O Ser e o Nada*<sup>6</sup>, ele ganhou força e solidez no decorrer da história. Ao comentar sobre o existencialismo, Reynolds (2014) sugere que as principais temáticas dessa concepção filosófica estão divididas em seis tipos distintos, a saber: liberdade; morte, finitude; experiências fenomenológicas; destaque sobre a autenticidade e responsabilidade; pessimismo sobre as relações humanas; rejeição de determinações externas de moralidade ou valor. Estas ideias alimentaram variadas reflexões e trabalhos, realizados por diferentes filósofos, dentre eles: Nietzsche, Karl Jaspers, Martin Heidegger<sup>7</sup>, Gabriel Marcel, Merleau-Ponty, Simone de Beauvoir, entre outros. Cada

---

<sup>5</sup> Sartre inicia as suas primeiras investigações filosóficas, partindo da subjetividade humana. Essa temática foi responsável por nortear as suas reflexões em direção ao núcleo do ser, e por buscar os fundamentos do marxismo. O filósofo possuía uma profunda ligação com as teorias marxistas, porém, percebia que a mesma estava vazia de algo que a pudesse sustentar e fortalecer. Neste sentido, tentou mostrar aos marxistas que a subjetividade é um elemento fundamental e indispensável para compreender o homem como coletivo, de modo que, excluir esse elemento, apenas empobrece o sistema. “Insistindo no valor da subjetividade, Sartre tomou o marxismo pelo avesso: começou pela consciência de cada indivíduo em sua situação própria [...]” (PERDIGÃO, 1995, p. 24). Silva (2013), ao comentar sobre o assunto diz que Sartre provocou uma verdadeira inversão naquilo que a Filosofia Moderna compreendia por subjetividade humana. A subjetividade era vista como um modo de se alcançar o fundamento do ser, a plenitude do sujeito. Na filosofia sartriana isso é desconsiderado, e a subjetividade passou a ser vista como um caminho para se alcançar o vazio, a indeterminação, o nada. “Com efeito, a tradição da filosofia moderna, na medida em que tem como centro a subjetividade, habituou-nos a ver no sujeito o ser fundamental, a plenitude primeiramente alcançada, talvez mesmo a única forma de absoluto que possamos aceder, o princípio do conhecimento e do primado ontológico. [...] Entretanto, a reflexão de Sartre leva a cabo na sua descrição do Para-si nos conduz a algo bem diferente. (cf. SILVA, 2013, p. 20).

(cf. Referência: LIMA, Antonio Balbino Marçal (org.). A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: LIMA, Antonio Balbino Marçal. **Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus: Editus, 2014.).

<sup>6</sup> Muitas polêmicas e críticas surgiram em torno da obra de Sartre. Estas eram advindas dos mais diversos meios de expressão cultural, intelectual, filosófica, artística e religiosa. Alguns acusaram o filósofo de estimular a passividade e o quietismo desesperançado, por outro lado, outros o acusaram de acentuar os aspectos mais negativos da humanidade. “Uns e outros nos acusaram de faltar para com a solidariedade humana, e considerar o homem um ser isolado [...]” (SARTRE, 2014, p.15). A repercussão da obra foi tão grande, cercada de polêmicas e incompreensões, que três anos após a sua publicação, Sartre aceitou o convite para participar de uma conferência em Paris, em outubro de 1945, com o objetivo de apresentar ao público de forma mais clara e coerente a sua filosofia. Em 1946, foi publicado *O existencialismo é um humanismo*, fruto da conferência proferida por Sartre.

<sup>7</sup> Heidegger nunca aceitou o título de existencialista, contudo, muitas de suas reflexões filosóficas estão inseridas nessa linha de pensamento, como a abordagem de temáticas como a morte, finitude, ser. (cf. REYNOLDS, Jack. Heidegger e a analítica existencial. In: REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução de Cesar Souza. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 35-79).

“O relacionamento de Martin Heidegger (1889 – 1976) com o existencialismo é tema de alguma controvérsia, não somente devido às suas críticas ao foco de Sartre na consciência e subjetividade em seu ensaio de 1945, ‘Carta

um ao seu modo, pôde colaborar de forma significativa para fundamentar esta nova linha de pensamento. Levando em consideração a variedade de posicionamentos, dentro do existencialismo, Sartre (2014) estabeleceu uma distinção da concepção filosófica em dois tipos, a saber: o existencialismo ateu, representado por ele mesmo, Heidegger e alguns filósofos franceses; e o existencialismo cristão, tendo como principais representantes, Karl Jaspers e Gabriel Marcel.

A distinção estabelecida pelo escritor francês, possui o intuito de demarcar os limites de sua concepção, com relação a outras concepções. É uma forma clara de sinalizar que o seu trabalho se distingue de qualquer outra reflexão existencialista. Ao mencionar esta distinção, ele afirma que:

O existencialismo que eu represento é mais coerente. Ele declara que, mesmo que Deus não exista, há ao menos um ser cuja existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por algum conceito, e que tal ser é o homem ou, como diz Heidegger, a realidade humana. Que significa, aqui, que a existência precede a essência? Significa que o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. [...] O homem é, não apenas como é concebido, mas como ele se quer, e como se concebe a partir da existência, como se quer a partir desse *elã* de existir, o homem nada é além do que ele se faz. Esse é o princípio do existencialismo. É isso também o que se denomina subjetividade, e esse é o termo pelo qual nos criticam. (SARTRE, 2014, p. 19)

A partir desta citação, é possível atestar o rompimento definitivo que o autor estabelece com as tradições essencialistas, realizado inicialmente por Kierkegaard. Com isso, Sartre radicaliza a ideia da precedência da existência ante a essência, descartando qualquer ligação do homem com realidades metafísicas que possa fornecer orientações ou fundamentar a sua existência, escolhas e ações no mundo. Essa precedência estabelecida pelo existencialismo sartriano, significa que: “Em vez de nossa identidade ser determinada por nosso *status* biológico ou social, o existencialismo insiste que ela deve ser continuamente criada, e que existe uma ênfase resultante sobre nossa liberdade [...]”. (REYNOLDS, 2014, p. 14). Em decorrência disso, o homem deixa de carregar rótulos e definições previamente estabelecidos por quem quer que seja, para se deparar com o completo vazio, indeterminado de possibilidades, que o pensador francês define como sendo o nada. Essa ausência de determinações, é o que possibilita a existência humana como projeto.

---

sobre o humanismo’, mas também em decorrência de algumas diferenças filosóficas consideráveis entre o seu projeto e os seus contemporâneos franceses. Ao mesmo tempo, pode não haver dúvidas quanto a extensão da influência de Heidegger sobre o existencialismo.” (REYNOLDS, 2014, p. 35).

Ao estabelecer a existência como precedente à essência, Sartre pretende retirar o indivíduo de toda e qualquer condição de passividade que o classifique como uma coisa definida. Essa inversão, estabelece o sujeito como o único ser responsável por aquilo que ele está sendo. “Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência.” (SARTRE, 2014, p. 20). Sendo assim, o sujeito não está mais atado a um modelo de ser, mas possui nas mãos a responsabilidade de se construir a cada instante. Essa construção é um projeto individual.

Outro detalhe importante do existencialismo sartriano, é o fato dele estar marcado por considerações totalmente novas sobre a liberdade. A temática ocupa um lugar de destaque nas considerações do filósofo, em sua obra, *O Ser e o Nada*. O livro foi um divisor de águas na história da filosofia e da humanidade, porque trouxe uma concepção de homem até então desconhecida. Por se tratar de uma novidade, foi inevitável que equívocos de interpretação acontecessem, quando se buscou compreender os desdobramentos da proposta sartriana de liberdade. Em decorrência disso, não faltaram críticas ao filósofo francês. Muitos intelectuais da época, grupos e movimentos se insurgiram contra o seu pensamento, acusando-o de ter uma visão deturpada do homem. “Os críticos superficiais, que nunca leram *O Ser e o Nada* e suas outras obras do período, censuraram a sua doutrina como ‘pessimista, desapietada e angustiante’[...]” (PERDIGÃO, 1995, p. 20).

Foi difícil aos censuradores do autor de *O Ser e o Nada*, compreender como o homem pode estar condenado à liberdade, mesmo em situações onde isso não parece haver a menor possibilidade de acontecer. Os críticos de sua filosofia, não entenderam ou não quiseram aceitar que a liberdade proposta por ele, não se trata de uma conquista que se possa alcançar, pois “Se a liberdade é o fundamento do Para-Si, isso quer dizer que nenhuma razão motivadora pode determinar o seu Ser.” (PERDIGÃO, 1995, p. 90). Além disso, a análise da subjetividade proposta pelo filósofo foi confundida como subjetivismo, por esse motivo, o seu projeto existencial foi mal compreendido como uma tentativa de isolar o homem da sociedade e das relações que este estabelece com as outras pessoas.

Para uma melhor interpretação da concepção de liberdade proposta por Sartre, esse primeiro capítulo pretende abordar os desdobramentos da liberdade situada do Para-si, como pensada pelo filósofo, visando uma melhor compreensão da relação entre existência humana e liberdade.



## 2.2 O PARA-SI: O PROJETO DE SER

Dentre os vários conceitos empregados por Sartre, para designar o homem, encontra-se o termo *Para-si*. Nas palavras do filósofo: “O para-si é o ser que se determina a existir na medida em que não pode coincidir consigo mesmo.” (SARTRE, 1997, p. 127). Essa frase sintetiza muito bem a principal característica do Para-si: existir como um projeto inacabado. Não pode ser si mesmo, porque não possui essência definida. A sua natureza consiste em caminhar na direção do ser. Não pode ser o que é, pois é um ser indeterminado. A existência de cada pessoa será uma constante tentativa de finalizar o próprio projeto existencial de ser. Sendo assim, a busca por significação de si, é uma tarefa a ser realizada constantemente pelo homem.

Na concepção sartriana, o mundo é composto por duas realidades antagônicas: o ser-Em-si e o ser-Para-si. O ser-Em-si diz respeito aos seres que são plenos de significado; são os objetos do mundo, realidades físicas e estáticas, são o que são. Trata-se das realidades objetivas do mundo. Ao contrário do Para-si, ele coincide consigo mesmo, porque é pleno de si. “O Em-si não deseja ser outra coisa, não estabelece relação alguma com as outras coisas ou conosco; ele é pleno, completo, pura positividade [...]” (SOUZA, 2019, p. 30).

Em contraposição, o Para-si diz respeito a realidade subjetiva do indivíduo; trata-se do homem; ser que não é o que é, porque é plena negatividade. “O Para-si, ao contrário, é dividido; poder-se-ia dizer até que ele é divisão, se pudéssemos afirmar algo acerca dele, além de descrever o seu caráter paradoxal, que se poderia enunciar pelas seguintes negações: O Para-si não é. O Para-si não é em-si.” (SILVA, 2013, p. 20). Ele é caracterizado pelo vazio, pela indeterminação, pela ausência de ser, não é estático, não é pleno de si, mas é constante movimento. O Para-si é transformação.

À medida que se discorre sobre o Para-si, faz-se necessário aprofundar os conhecimentos desse conceito. Isso proporcionará uma compreensão mais adequada das reflexões filosóficas acerca do indivíduo, empreendidas por Sartre. Importante salientar que o entendimento do conceito de *Para-si* deve levar em consideração a oposição com o termo oposto, *ser-Em-si*. A expressão que designa o homem, pode ser entendida da seguinte forma:

[...] Para-si: *para* como indicativo de direção e *si* como indicativo do ser subjetivo. Para-si quer dizer a ida na direção de si, um percurso para atingir o ser, um itinerário para a constituição da identidade, que no entanto não se definem pela meta a ser alcançada mas pelo processo pelo qual se busca alcançá-la. (SILVA, 2013, p. 21-22).

O conceito indica um ser que caminha na direção de si, ou seja, na busca de seu ser, já que ele não possui um fundamento. O Para-si não possui uma identidade definida, por esse motivo, precisa construí-la, precisa alcançá-la a cada instante. Esse caminho de constituição só pode ser realizado mediante a ação do homem, pois ele é um ser que se define pela ação, no processo de existir; não pode ser definido pela meta, pois ela configura uma realidade estática.

O Para-si não pode ser caracterizado por sua meta, haja vista que ela é uma realidade fixa e estática. Neste sentido, o Para-si só pode ser definido pelo processo, ou seja, pelo caminho, pela ação, pois se tratam de realidades transitórias, exigem movimento, exigem transformação, passagem de estados. O caminho é para ser percorrido. O processo é para ser realizado. O Para-si é para ser construído. Por esse motivo, não pode ser entendido como uma coisa estática, mas está em constante movimento, em busca do seu ser. Esse movimento, contudo, não é aleatório, mas segue um projeto; uma orientação dada pelo próprio Para-si no início da ação. Desse modo, a meta apenas direciona ação, mas não define o ser.

Ao estabelecer o homem como um projeto de ser, o pensador francês dá continuidade ao rompimento com as tradições essencialistas, iniciado por Kierkegaard. Ele discorda do estabelecimento de uma essência humana, por considerar essa concepção, muito limitada e pobre. “Neste sentido, o Ser será abstração mais abstrata e mais pobre, se o considerarmos em si mesmo, quer dizer, suprimindo-lhe seu transcender para a Essência.” (SARTRE, 1997, p. 53-54). A fala do escritor francês, se insere no contexto de uma reflexão que ele havia feito sob algumas considerações a respeito do Ser, indicando a sua discordância e oposição, a qualquer tentativa ou teoria que buscasse estabelecer o homem como um ser definido.

Admitir uma essência humana, seria aceitar a coisificação do indivíduo, ou seja, o homem seria reduzido a um estado de coisas. Seria apenas mais um entre os outros objetos do mundo. Teria a característica de Em-si. Seria privado de qualquer ação ou relacionamento com os outros seres. Isso porque, “O em-si é absolutamente idêntico a si mesmo. [...] Permanece totalmente isolado em seu ser e não tem possibilidade de manter qualquer relação com o que não seja êle mesmo.” (BORNHEIM, 1971, p. 34). Portanto, o indivíduo não poderia mais ser liberdade, haja vista que a liberdade é a capacidade humana de agir e de se projetar em várias direções. O ser seria ele mesmo, pleno de si. Contudo, a liberdade como concebida por Sartre só é possível por haver uma ligação direta do ser com o nada. As realidades negativas são responsáveis por possibilitar a existência do Para-si como um projeto de ser.

O nada possui um lugar de fundamental importância para compreender a existência do homem, a sua ação no mundo e as relações que ele estabelece com outros indivíduos. Se o homem existe como projeto de ser, é porque ele não é. Não é o que é para ser o que não é. Neste

sentido, o Para-si não pode ser definido como aquele que se encontra sendo no presente, pois precisa caminhar em direção ao ser que está à sua frente, no futuro. Contudo, nunca terá posse de sua essência, nunca poderá ser definido como um ser completo e pleno, porque a existência humana é marcada pelo vazio, pela instabilidade de ser; é caracterizada como um desenraizamento de si. A única coisa que garante a existência do homem é a sua própria ação, por isso, é necessário que ele se reconstrua a cada instante, se reinventando, agindo, dando significado a si e ao mundo.

O homem é fruto de suas ações no mundo e não será outra coisa além disso, porque não existe realidades pré-estabelecidas que possa orientar a sua existência ou conduzir suas ações. “Nenhuma regra de uma moral genérica pode indicar o que devemos fazer; não existem sinais outorgados no mundo. [...] Admitamos, sou eu mesmo, em todo caso, que escolho o significado que eles têm.” (SARTRE, 2014, p. 28). Não existe um sistema metafísico, onde esteja depositado valores<sup>8</sup> ou normas morais que possa orientar a ação do homem no mundo. O indivíduo será apenas o fruto do seu projeto de ser, da proposta que estabelece à sua existência.

Não existe um deus que conduza o Para-si ou, o sustente nas dificuldades. Esse caminho precisa ser inventado por cada pessoa, sem nenhum tipo de amparo ou ajuda, partindo do nada. Esse é o peso da liberdade radical que cada homem carrega nos ombros. Liberdade que possibilita a existência humana como projeto de ser. Liberdade que só é possível porque o homem precisa se construir a cada instante. O homem se encontra totalmente desamparado nessa tarefa individual de existir. Não existe nada, absolutamente nada, a que possa recorrer e se amparar, diante do desafio existencial de construir a si mesmo, significando a sua existência e conferindo significado ao mundo. Esse é o peso angustiante da liberdade.

A precedência da existência ante a essência é o que justifica a necessidade do ser existir como um projeto. A realização dessa tarefa é individual, contudo, não está dissociada da realidade, não é uma abstração da consciência, mas só pode acontecer, porque o Para-si está inserido no mundo, vivendo na história, de forma situada, ou seja, localizada. “Quando dizemos que o Para-si é o contínuo fazer-se na direção de uma identidade inalcançável, queremos também dizer que essa autoconstituição se dá num contexto de realidade humana que é a condição geral a partir da qual cada um se faz sujeito”. (SILVA, 2013, p. 31). Com isso, é possível perceber que, o projeto de ser não é apenas uma teoria conceitual, a fim de explicar a existência humana. Antes, trata-se de uma realidade concreta, vivenciada por cada indivíduo no contexto em que se encontra. O homem age porque está inserido no mundo.

---

<sup>8</sup> A concepção dos valores éticos e morais proposta por Sartre, se opõe claramente a concepção kantiana de imperativo categórico.

De acordo com Sartre (2001), só o homem pode ser autor de sua própria história, de suas ações e escolhas. O mundo com a sua estrutura, não pode influenciar o Para-si nas suas decisões; não pode ser causa de suas ações; tampouco, pode ser elemento justificador dos seus erros e fracassos. Isso, porque, a ação é o lançamento do Para-si em direção a uma realidade não existente, não definida. Esse lançamento é definido pelo filósofo como sendo transcendência, que quer dizer superação, transformação. Sendo assim,

Nenhum estado de fato, qualquer que seja (estrutura política ou econômica da sociedade, “estado” psicológico, etc.) é capaz de motivar por si mesmo qualquer ato. Pois um ato é uma projeção do Para-si rumo a algo que não é, e aquilo que é não pode absolutamente, por si mesmo, determinar o que não é (SARTRE, 1997, p. 539).

A ação deve ser uma projeção consciente do Para-si em direção a uma realidade não existente, contudo, existindo como possibilidade de efetivação. Esta ação acontece mediante o processo de nadificação. Por meio da nadificação, o homem supera a realidade presente, buscando efetivar o seu projeto, em direção a realidade futura, que se encontra no campo da possibilidade real. Sem a nadificação e sem a ligação do ser com o nada, é impossível compreender a concepção sartriana de liberdade situada do Para-si, haja vista que o Para-si é uma realidade negativa, no sentido de não ser. No segundo capítulo deste trabalho, a temática da nadificação será melhor abordada.

À primeira vista, o projeto existencial proposto pelo autor de *O Ser e o Nada*, pode parecer dramático e impossível de ser realizado. Existir como um projeto de ser, sem poder se amparar em certezas ou regras morais que possam orientar a existência, não é uma tarefa fácil. Por esse motivo, alguns homens tomados de medo, ante o seu projeto existencial, buscam fugir da irrecusável condenação que carregam nos ombros. O pensador existencialista classifica essas tentativas como uma espécie de autossabotagem existencial. De modo geral, tais atitudes consistem em uma espécie de fuga das consequências da liberdade radical, a qual todo homem está condenado. Algumas dessas tentativas recebem diferentes nomes, como: quietismo, má-fé, mascaração da angústia, entre outros.

Contudo, a intenção do escritor francês não é mostrar uma visão pessimista da existência: muito pelo contrário. O seu existencialismo é extremamente humanista. Por esse motivo, ao definir a existência humana como um projeto a ser realizado pelo próprio indivíduo, Sartre pretende libertar o sujeito dos ancoradouros que este está acostumado a utilizar para justificar as suas ações, a sua existência, os seus fracassos e os seus medos. O homem é o único responsável por aquilo que está sendo e por aquilo que deseja ser.

Após ter abordado os desdobramentos do projeto de ser do Para-si, o próximo tópico deste capítulo pretende apresentar a relação entre a liberdade e situação, mostrando a liberdade como uma realidade concreta que precisa estar alinhada aos acontecimentos concretos da história e da vida humana.

### 2.3. CONDENAÇÃO SITUADA

As reflexões do tópico anterior estavam centradas na apresentação da existência do homem como um projeto de ser. A existência como projeto só é possível por conta da liberdade. Condenado a ser livre, o indivíduo é condenado a agir. O homem age, porque é livre. A primeira decorrência dessa condenação é a necessidade de construir a si mesmo por meio da ação, conferindo sentido a própria existência. Neste sentido, as reflexões deste tópico estarão centradas na apresentação da liberdade como uma realidade que precisa estar situada para acontecer.

Inicialmente pode parecer ser paradoxal a conjugação entre liberdade e condenação. É muito comum que o termo *liberdade* seja associado a movimento, a algo que não possui limites, que esteja desvinculado de obrigações ou responsabilidades. A palavra *liberdade* pode assumir até três significados distintos, sendo o primeiro deles, entendido “[...] como autodeterminação ou autocausalidade, segundo a qual a L. é ausência de condições e de limites [...]” (ABBAGNANO, 2007, p. 617).

Por outro lado, o termo *condenação* está associado ao oposto de liberdade, pois remete a algo que está definido, algo que é estático, limitado, imutável. O homem está condenado a ser livre, porque não pode escapar dessa condição existencial, não a pode mudar ou escolher: ela faz parte da sua existência, ou melhor, o homem é liberdade, como o próprio filósofo costuma definir. “[...] minha liberdade está perpetuamente em questão em meu ser; não se trata de uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser [...]”. (SARTRE, 1997, p. 534).

Através da fala do autor, pode-se confirmar o que fora mencionado anteriormente: a liberdade é uma característica constitutiva do ser humano, faz parte da sua existência. Ela é o que possibilita a existência do indivíduo como um ser de ação; um constante movimento que está em busca do seu ser. Por esse motivo, o homem está desenraizado de qualquer condição ou definição que o classifique como um ser pronto, acabado. “A liberdade se identifica com a realidade humana, com ser homem: ela é o desgarramento, a distância que o Para-si é em relação a ele mesmo, esse movimento em direção ao que ele não é.” (SOUZA, 2019, p. 45). Condenado

a ser livre, o homem está condenado a agir: precisa realizar escolhas e assumir as responsabilidades de seus atos, na vivência desse movimento que o caracteriza.

De acordo com Sartre, a ação pode ser entendida de dois modos distintos, a saber: ação intencional e não intencional. Quem age intencionalmente precisa ter consciência de suas ações, deve ter a capacidade de perceber que elas provocam transformações no mundo, precisa ter o desejo de agir. Neste sentido, agir intencionalmente é:

[...] modificar a figura do mundo, é dispor de meios com vistas a um fim, é produzir um complexo instrumental e organizado de tal ordem que, por uma série de encadeamentos e conexões, a modificação efetuada em um dos elos acarrete modificações em toda a série e, para finalizar, produza um resultado previsto. (SARTRE, 1997, p. 536).

A ação intencional deve ser orientada por uma ideia, uma meta a ser alcançada. Quem age precisa estabelecer um plano a fim de alcançar o objetivo desejado. Porém, o fato de estabelecer um projeto não significa que todos os elementos previstos devam acontecer. Isso também não descarta a possibilidade da ação provocar efeitos não previstos, pois algumas consequências do ato fogem ao controle do homem. Sendo assim, a intencionalidade é o elemento que caracteriza uma ação como efetiva. Importante salientar que as modificações provocadas pela ação humana, acontecem de forma localizada, ou seja, estão inseridas em determinados contextos.

Muitas foram as interpretações e críticas sobre a concepção sartriana de homem como liberdade e das consequências advindas dessa concepção, principalmente, no que se refere a ação. A ideia de uma liberdade radical defendida por Sartre, por vezes foi confundida como uma espécie de liberdade sem limites, desvincilhada da realidade, ou entendida como um conceito filosófico abstrato. Contudo, essa não foi de modo algum a intenção do filósofo ao apresentar a sua concepção de liberdade: muito pelo contrário, a sua ideia é extremamente concreta e real, está atrelada a realidade, e só é possível de acontecer porque está inserida nela.

Conforme a ideia do filósofo francês: “O conceito técnico e filosófico de liberdade, o único que consideramos aqui, significa somente: autonomia de escolha”. (SARTRE, 1997, p. 595). Ser livre é ter a capacidade de agir por si mesmo, tendo como único referencial para as ações, o projeto definido pelo próprio indivíduo. Por esse motivo, o autor exclui qualquer espécie de ancoradouros a que o homem possa se apoiar. O indivíduo está desamparado no mundo e precisa agir por si mesmo. Uma negação ou fuga dessa condição de desamparo na qual o indivíduo se encontra, é entendida como má-fé.

Embora as definições e conceitos se deem no mundo atemporal das teorias, a filosofia sartriana exige, por sua definição mesma, uma relação com o concreto, com a história humana. Por isso a liberdade, mesmo que definida como absoluta, vista como definição mesma do ser do homem (e que portanto somos em qualquer circunstância), só tem sentido no mundo em que vivemos, nesse mundo que ela nos parece tão impossível. (SOUZA, 2019, p. 13).

Isso significa que a liberdade concebida por Sartre não está dissociada da realidade na qual o homem está inserido. Ela só é possível porque está em consonância com a história, com os acontecimentos temporais. “Isso significa que a liberdade, processo existencial de subjetivação, é histórica. [...] O homem vive, de maneira geral, em condição, o que se expressa sempre em alguma situação determinada, ou seja, um contexto existencial e histórico, inseparavelmente.” (SILVA, 2013, p. 54). A liberdade acontece dentro dos limites que ação humana encontra no mundo. Ela precisa estar entrelaçada com os acontecimentos concretos da vida humana. Desse modo, a liberdade acontece de forma situada, localizada, saindo do campo teórico e tornando-se algo prático e real, que acontece no cotidiano do homem.

As ações humanas não estão desvinculadas da história, pois “[...] o sujeito age *historicamente*, isto é, num contexto de realidade constituído por condições objetivas. Mais precisamente, o sujeito *age*, ou seja, exerce sua liberdade contra adversidade que é sempre característica da situação em que se dá a liberdade em ato”. (SILVA, 2013, p. 98, grifos do autor). Por meio deste fragmento é possível perceber que as realidades objetivas e subjetivas dialogam entre si, havendo uma interação entre elas. Isso é o que permite a existência da liberdade. Por esse motivo, o existencialismo sartriano não pode ser confundido como um subjetivismo que desconsidera as relações humanas, desprezando as interações coletivas entre os sujeitos.

O fato da liberdade estar associada a um contexto, significa que o homem não pode agir como quiser. Embora seja o único responsável por seu projeto existencial, suas ações estão circunscritas por situações ou condições nas quais se encontra; ele não as pode escolher ou modificar, porque são fatos dados. Contudo, essas realidades jamais podem definir aquilo que será o indivíduo, ou orientar as suas ações para algum lugar, porque o homem é liberdade. Com relação a esses fatos que o homem encontra no mundo e não os escolhe, Sartre costuma empregar o termo *facticidade*, para classificá-los. Segundo o pensador francês: “Sem a facticidade, a consciência poderia escolher suas vinculações com o mundo, da mesma forma como, na República de Platão, as almas escolhem sua condição: eu poderia me determinar a ‘nascer operário’ ou nascer ‘burguês’.” (SARTRE, 1997, p. 133).

Ao considerar a facticidade, o projeto de ser do Para-si precisa respeitar esses dados, porque a ação humana deve estar inserida nos limites dessa situação. Se o homem pudesse escolher as suas vinculações no mundo, ditando as estruturas externas e internas, a liberdade não teria sentido, pois a liberdade é de certo modo a superação desses conflitos, é a capacidade de readaptação das ações e de escolhas, apesar de circunstâncias contrárias a elas. Importante salientar que a facticidade não trata apenas dos fatores externos no qual o indivíduo está inserido. Ela também se destina a classificar os acontecimentos e elementos internos que compõe o homem, como a sua genética, características físicas, características psicológicas e biológicas.

É interessante perceber como elementos que parecem ser contrários a liberdade, são fundamentais para que ela aconteça, pois ser livre é ter a capacidade de agir, mesmo diante de situações nas quais isso parece impossível. “Ser realmente livre não é obter-se necessariamente o que se quer, mas determinar-se a querer por si mesmo: a liberdade humana está na autonomia da escolha. *Não consiste em poder fazer o que se quer, mas em querer fazer o que se pode.*” (PERDIGÃO, 1995, p. 89, grifos do autor). Portanto, a liberdade pode ser entendida como capacidade de fazer escolher por si mesmo, elegendo projetos, e agindo na direção escolhida, mesmo que não se realize tudo o que foi planejado.

Ser livre é agir dentro das possibilidades que cada um possui. Contudo, é importante salientar que essas possibilidades ou situações, ganham características de limites quando o próprio homem as atribui este significado, mediante a eleição de um projeto. “[...] obstáculos e limites à liberdade só aparecem a partir do momento em que o sujeito põe fim para si mesmo, algo a ser atingido por meio de suas ações. Se não desejo fazer coisa alguma, não há sentido em falar de obstáculos à minha ação.” (SILVA, 2013, p. 36). Isso significa que a facticidade só pode se tornar uma força contrária a ação, a partir do momento que o homem deseja agir, estabelecendo um projeto. Neste sentido, toda ação empreendida pelo homem vai esbarrar em obstáculos, em forças contrárias, sejam elas internas ou externas.

Como fora mencionado acima, a liberdade acontece dentro de determinados contextos que já compõe a realidade, antes da existência do homem como ser individual. Mediante tal afirmação, talvez surja a pergunta: o que isso significa? O próprio Sartre oferece uma explicação à esta pergunta.

Longe de podermos modificar nossa situação ao nosso bel-prazer, parece que não podemos modificar-nos a nós mesmos. Não sou “livre” nem para escapar ao destino de minha classe, minha nação, minha família, nem sequer para construir meu poderio ou minha riqueza, nem para dominar meus apetites mais insignificantes ou meus hábitos. Nasço operário, francês, sífilítico hereditário ou tuberculoso. [...] E ainda é



preciso “obedecer à natureza para comandá-la”, ou seja, inserir minha ação nas malhas do determinismo. (SARTRE, 1997, p. 593).

A existência humana se depara com situações que já fazem parte da realidade, são situações que não podem ser definidas pelo homem. “A situação é o contexto concreto que os sujeitos exercem a liberdade. Ela é sempre definida por fatos e outros sujeitos que dela participam. [...] O sujeito está sempre em situação e nunca pode escolher a situação em que está.” (SILVA, 2013, p. 40-41). Ao indivíduo basta apenas acolher estes fatos e conceder a essa realidade um novo significado, mediante as suas ações. A sua existência parece estar limitada por uma série de elementos que ele não escolhe e não pode modificar. Isso contudo, não inviabiliza ou impossibilita a ação livre do indivíduo, haja vista que, ser livre é ter autonomia para escolher por si mesmo. “Habitualmente dizemos que todos esses aspectos são *dados*. Significa que posso fazer algo a partir deles, mas não posso modificá-los; significa também que o que posso fazer a partir deles já está em grande parte prefigurado nesses próprios dados”. (SILVA, 2013, p. 41). Ao considerar essas afirmações, é possível perceber que as ações do Para-si precisam respeitar determinados limites para acontecer. Isso contudo, não invalida a liberdade ou a torna impossível, mas pelo contrário, pois a liberdade só é possível, porque acontece entre tensões que tentam definir o homem a todo instante.

Assim sendo, “Se a realidade humana topa com resistências e obstáculos que não foram inventados por ela, tais resistências e obstáculos só adquirem sentido na e através da livre escolha que a realidade humana *é*.” (BORNHEIM, 1971, p. 118). Todos esses obstáculos só ganham significado, porque o homem é livre. Até mesmo a facticidade só tem e possui algum significado, porque o homem lhe atribui este sentido. As situações por si mesmas não dizem nada ao indivíduo. Ele precisa ser capaz de interpretá-las, inserindo as suas ações nos limites que o seu próprio projeto evidencia, pois a ação só encontra resistências quando o homem empreende um projeto de ação. Neste sentido, as forças contrárias a ação humana são frutos do projeto do Para-si, pois cada projeto de ação esbarrará com limites próprios para cada pessoa. Talvez um exemplo possa ajudar a ilustrar melhor esta situação.

Alguém que não saiba nadar e se encontra na areia da praia, sentado com amigos, ao perceber que alguém está se afogando, por conta da força das ondas e correntezas do mar, não pode pensar que, entrando na água, vai ser capaz de salvar aquele que esteja se afogando. Realizar tal ato seria uma estupidez, uma ideia estapafúrdia, pois além de não poder ajudar quem está precisando de socorro, certamente estaria colocando em risco a própria vida, se afogando conseqüentemente. A impossibilidade de realizar o socorro por meio do projeto de entrar no mar não impossibilita ou impede outras tentativas de ajuda. Outros projetos podem

ser adotados e realizados, desde que se leve em consideração os elementos internos e externos que compõem a situação. Desse modo, obedecer a natureza para comandá-la, é ter a capacidade de agir conforme as condições existentes, pois do contrário, o homem viveria como um ser alienado, achando que poderia fazer tudo o que desejasse, sendo que, isso seria impossível do ponto de vista real e concreto.

A ideia de uma liberdade radical como definição do homem, não significa que as suas ações estão desvinculadas da realidade, muito menos, que a liberdade lhe conceda poderes ilimitados, tornando-o capaz de realizar tudo o que deseja, agindo sem respeitar regras ou limites. “Em outros termos: a liberdade precisa de um campo de resistência do mundo. Sem obstáculos não há liberdade.” (PERDIGÃO, 1995, p. 87). A liberdade acontece neste campo de resistências, porque precisa superá-los. Ser livre é ter a capacidade de transcender os obstáculos e superar as realidades que tentam definir o Para-Si a todo instante. Desse modo, a liberdade precisa de forças contrárias para acontecer, pois do contrário não haveria necessidade do homem ser livre.

Ao considerar as reflexões feitas até este ponto, é interessante perceber como Sartre organiza a sua teoria filosófica, estabelecendo uma relação de equilíbrio entre subjetividade e objetividade; liberdade e limites; consciência e corpo; realidades concretas e abstratas. Isso permite que a sua filosofia não seja confundida ou classificada como um subjetivismo que centra todas as atenções no indivíduo ou abstrações da consciência humana, se esquecendo do papel fundamental da história, e das relações coletivas estabelecidas entre os sujeitos.

Esse equilíbrio permite a vivência de uma liberdade encarnada<sup>9</sup>, haja vista que é necessário possuir um corpo para agir no mundo. “Se pudéssemos conceber uma consciência sem corpo, nenhum projeto teria cabimento, porque já não haveria possíveis, mas realidades instantâneas, como no imaginário ou no sonho”. (PERDIGÃO, 1995, p. 88). Isso só reforça o fato da liberdade está diretamente relacionada com a vida humana e com as forças contrárias que cada corpo precisa enfrentar, sejam elas internas ou externas.

---

<sup>9</sup> O corpo possui um lugar de destaque na filosofia de Sartre. “[...] a concepção de Sartre sobre o corpo se torna muito mais nuançada e complexa. Uma vez que o para-si é, ao mesmo tempo, sempre um em-si, ou seja, uma vez que a existência humana é sempre uma combinação de facticidade e transcendência, ela é sempre existência corporificada.” (CERBONE, 2012, p. 148). Também é possível perceber uma íntima ligação entre alguns aspectos da corporeidade como pensada por Sartre e Merleau-Ponty. Tanto Sartre quanto Ponty, concordam que não se pode entender o corpo desconsiderando a relação deste com o mundo. As relações da corporeidade humana com o mundo são fundamentais para entender o homem em toda a sua complexidade e unidade.

### 3 NADIFICAÇÃO: A RELAÇÃO ENTRE CONSCIÊNCIA E OS OBJETOS DO MUNDO

Os desdobramentos do capítulo anterior, estavam focados na apresentação da existência humana como liberdade. Na filosofia sartriana, a concepção de indivíduo como liberdade, está diretamente atrelada ao caráter indeterminado e negativo, que define o Para-si. A indeterminação e a negação, como características fundamentais do sujeito, é o que possibilita a projeção de suas ações em diferentes direções. Essa íntima relação do sujeito com as realidades negativas são fundamentais para entender a relação do Para-si com os outros indivíduos, e as diferentes realidades objetivas que compõem o mundo. Neste sentido, a proposta deste capítulo é: compreender como o Nada pode ser o ponto de partida para entender a concepção sartriana de consciência humana, e a relação que a consciência estabelece com os objetos do mundo.

#### 3.1 A CONSCIÊNCIA

Importantes reflexões sobre a consciência humana foram realizadas no decorrer da história. Estudos sobre a temática estão presentes em variadas áreas de pesquisa e estudos, a saber: filosofia, psicologia, psiquiatria, psicanálise, neurociência, medicina, farmácia, biologia, educação, entre outros. Muitos foram os filósofos, pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, que se debruçaram sobre o assunto, dentre eles: Descartes<sup>10</sup>, Franz Brentano, Edmund Husserl, Sigmund Freud, entre outros. Certamente, o estudo sobre a temática desperta tanto interesse nos pesquisadores, pois compreender a consciência, é um dos pontos chaves para entender o homem em toda a sua complexidade, as suas ações no mundo e o seu relacionamento com os outros indivíduos.

Na filosofia sartriana a temática da consciência também ocupa um lugar de fundamental importância. Ao longo de suas reflexões, o escritor parisiense estabeleceu uma série de novas considerações sobre o assunto, dentre elas: o caráter negativo da consciência e o fato dela ser uma realidade transcendente que acontece na imanência. “A consciência, de acordo com Sartre, é fundamentalmente e ontologicamente um não-ser em relação ao ser; uma negação

---

<sup>10</sup> “A tradição fenomenológica é, com certeza, apenas uma parte da tradição filosófica moderna, que começa com Descartes. Uma pedra fundamental da filosofia de Descartes é a descoberta do “eu” como fundamento epistemológico para qualquer conhecimento que seja. [...] Nem todo filósofo posterior compartilhou de sua confiança com relação à descoberta de um “eu”, uma coisa pensante no centro de todo pensamento ou experiência. Um exemplo particularmente vívido dessa falta de simpatia é o de Hume [...]” (CERBONE, 2012, p. 108-109).

do ser.” (COX, 2007, p. 22). Compreender essa relação entre negatividade e positividade, é a melhor maneira para entender a relação entre a consciência e os objetos do mundo.

Sem dúvida alguma, as concepções sartrianas sobre o assunto, devem muito a fenomenologia do filósofo alemão, Edmund Husserl<sup>11</sup>. Embora Sartre reconheça a importante colaboração do filósofo alemão, para a filosofia e para as suas próprias teorias, o pensador parisiense não deixou de se opor a alguns conceitos e teorias do pensamento husserliano. De fato, a proposta fenomenológica husserliana foi um gatilho, para que o escritor francês desenvolvesse uma série de reflexões sobre o assunto, de modo que em 1936 foi publicado o *Ensaio sobre a transcendência do Ego*<sup>12</sup>, um tratado filosófico onde o autor aborda questões relacionadas à consciência. Na obra, o autor expõe suas críticas às teses da presença formal e material do *Eu na* consciência defendida por Husserl. “Para a maioria dos filósofos o Ego é um ‘habitante’ da consciência. Nós gostaríamos de mostrar aqui que o Ego não está nem formalmente nem materialmente *na* consciência: ele está fora, *no* mundo; é um ser do mundo, como o Ego do outro.” (SARTRE, 2015, p. 13, grifos do autor).

Ao adotar a proposta de intencionalidade, advinda da fenomenologia de Husserl, Sartre faz algumas ressalvas e alterações da teoria, por considerar que alguns conceitos não estão corretamente relacionados, sobretudo, no que diz respeito às considerações de Husserl sobre o Eu Transcendental. “Radicalizando a idéia da intencionalidade, Sartre afirma que todo Ser achasse fora de nós, no mundo do Em-Si - inclusive o nosso próprio Eu (Ego). Husserl expulsou as coisas da consciência, mas fez ‘honrosa exceção’ a um suposto Eu Transcendental [...]” (PERDIGÃO, 1995, p. 47). Apesar das ressalvas feitas por Sartre, é possível perceber uma íntima ligação entre o desenvolvimento teórico adotado por ele e a proposta de Husserl.

Um dos motivos para a refutação da admissão do Ego, como estrutura da consciência na filosofia sartriana, deve-se ao fato de que isso colocaria em xeque a ideia de consciência como estrutura vazia, impedindo-a de existir como realidade transcendente que se evade a si mesma, pois “[...] a transcendência é estrutura constitutiva da consciência, quer dizer, a consciência nasce tendo por objeto um ser que ela não é.” (SARTRE, 1997, p. 34). Neste sentido, a consciência existe como uma projeção para fora de si, e essa é a característica que Sartre deseja ressaltar. Posteriormente, tais reflexões se tornaram as bases nas quais o autor de *O Ser e o Nada*, desenvolveu as suas teorias filosóficas.

<sup>11</sup> (cf. CERBONE, David R. Husserl e o projeto de fenomenologia pura. In: CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2012).

<sup>12</sup> “Uma consequência do compromisso de Sartre com a transcendência do ego é uma distinção acentuada entre consciência e a psique.” (CERBONE, 2012, p. 124).

Toda consciência, mostrou Husserl, é consciência *de* alguma coisa. Significa que não há consciência que não seja posicionamento de um objeto transcendente, ou, se preferimos, que a consciência não tem ‘conteúdo’. É preciso renunciar a esses ‘dados’ neutros que, conforme o sistema de referências escolhido, poderiam constituir-se em ‘mundo’ ou ‘psíquico’. Uma mesa não está na consciência, sequer a título de representação. Uma mesa está no espaço, junto à janela, etc. A existência da mesa, de fato, é um centro de opacidade para a consciência; seria necessário um processo infinito para inventariar o conteúdo total de uma coisa. Introduzir essa opacidade na consciência seria levar ao infinito o inventário que a consciência pode fazer de si, convertê-la em coisa e recusar o cogito. O primeiro passo de uma filosofia deve ser, portanto, expulsar as coisas da consciência e restabelecer a verdadeira relação entre esta e o mundo, a saber. a consciência como consciência posicional do mundo. Toda consciência é posicional na medida em que se transcende para alcançar um objeto, e ela esgota-se nesta posição mesma: tudo quanto há de *intenção* na minha consciência atual está dirigido para o exterior, para a mesa; todas as minhas atividades judicativas ou práticas, toda a minha afetividade do momento, transcendem-se, visam a mesa e nela se absorvem. Nem toda consciência é conhecimento (há consciências afetivas, por exemplo), mas toda consciência cognoscente só pode ser conhecimento de seu objeto. (SARTRE, 1997, p. 22, grifos do autor).

De acordo com o próprio Sartre, a intencionalidade que caracteriza a consciência só é possível por conta do seu caráter vazio, ou seja, “A consciência nada tem de substancial, é pura ‘aparência’, no sentido de que só existe na medida que aparece. Mas, precisamente por ser pura aparência, vazio total (já que o mundo inteiro se encontra fora dela) [...]” (SARTRE, 1997, p. 28). Isso contribui no entendimento da citação anterior, quando o autor menciona o fato da consciência estar direcionada à realidades exteriores a si, por esse motivo, ela existe como realidade transcendente, ou seja, está direcionada para além de si.

A defesa sartriana de uma consciência intencional, que não seja habitada por qualquer tipo de conteúdo, também não deixa de ser uma crítica às concepções idealistas e realistas. “Com a mesma preocupação de superar o realismo e o idealismo, Sartre manteve em sua filosofia a ideia da consciência como intencionalidade, como sendo o movimento em direção às coisas, ao mundo e aos outros homens.” (SOUZA, 2019, p. 26). Neste sentido, ao mesmo tempo que as suas ideias são a defesa de uma concepção, elas também não deixam de ter um caráter crítico.

A existência da consciência se dá como um ser que está direcionado a algo: a um objeto que escapa ao conteúdo da consciência, pois embora os objetos sejam percebidos, eles não podem ser captados em toda sua totalidade; fogem ao controle da consciência. Os objetos são percebidos no mundo, no lugar onde se encontram. Por esse motivo, a consciência também precisa estar inserida nesse lugar, pois do contrário não poderia estabelecer relação com essas realidades objetivas. “Embora uma das determinações fundamentais da consciência seja a de estar no mundo, atrelada ao Ser, a consciência não se identifica literalmente com ele, como se

fosse coisa entre as coisas. Ela está sim, *em presença* dele, colocada à *distância* dele.” (PERDIGÃO, 1995, p. 38, grifos do autor).

Existe um jogo entre as realidades negativas e positivas, pois sendo a consciência um não-ser, ela só pode estar direcionada aquilo que é, ou seja, um ser-Em-si. A estrutura desse processo pode fornecer luzes no entendimento de como acontece o conhecimento<sup>13</sup>, pois ao aprender alguma coisa, o indivíduo (a consciência) está direcionado a uma realidade que ele não é, mas que pode ser apreendida. “Conhecer alguma coisa é estar presente àquilo que não se é. Por exemplo: conheço este livro, quer dizer, estou presente àquilo que não sou. Percebo a cor verde de um objeto: estou presente àquilo que não sou (minha consciência não pode existir como verde).” (PERDIGÃO, 1995, p. 51). Aqui é possível perceber uma ligação entre presença e negação; a consciência presente ao objeto conhecido. Importante salientar que essa concepção de conhecimento é uma proposta sartriana que deve muito a concepção de intencionalidade.

A consciência possui como essência o vazio, por esse motivo não pode ser classificada como uma coisa entre as coisas do mundo. “De modo nenhum minha consciência poderia ser uma coisa, porque seu modo de ser em si é precisamente um *ser para si*.” (SARTRE, 2008, p. 07, grifo do autor). Por esse motivo, o pensador francês descarta qualquer estrutura que possa fundamentar a consciência, como algo que a sustente, mesmo que essa estrutura seja o Ego. Isso acontece em decorrência da consciência ser pensada como algo a ser construído.

A consciência é projeto, ela se lança adiante, no futuro. Podemos compreendê-la em função daquilo que será. A redução fenomenológica significa, para Sartre, que o homem se distancia do seu passado ao presente – e se projeta para o seu futuro. Se sondarmos nossa consciência, veremos que é vazia, há nela somente o futuro. Mas o projeto é movimento do futuro para o presente. O homem é o ser que vem a si próprio, a partir do futuro, que se define por seus fins. (SILVA, C. 1997, p. 119).

Isso significa que o futuro é uma realidade negativa com relação ao presente. Portanto, a consciência age orientada pelo nada. Por ser orientada por essa realidade indeterminada, a consciência possui inúmeras possibilidades de projetos a sua frente.

Outro caráter muito importante destacado por Sartre, é o fato da consciência ser entendida como o próprio sujeito; ela é o Para-si. “Sartre chama a consciência de *Para-Si*, pois se trata de uma relação de si *para si*. O Para-Si (expressão que define a consciência como distância ao Ser) [...]: é o Ser que experimenta uma desorganização interna, rompe-se e se

---

<sup>13</sup> “Consciência é uma coisa, conhecimento outra. Tratam-se de fenômenos distintos, embora filósofos e psicólogos suponham que a consciência seja exclusivamente cognoscente e que, portanto, ambas as noções se confundam. Sartre mostra que o próprio conhecimento, para ser possível, requer um fundamento não cognoscente, que denomina *cogito* pré-reflexivo.” (PERDIGÃO, 1995, p. 55).

desloca de si. (PERDIGÃO, 1995, p. 39, grifos do autor). A consciência não é um estado mental ou uma parte do corpo que possa existir por si mesma, sem necessariamente estar inserida no mundo como pensaram alguns filósofos. De certo modo, a concepção sartriana de consciência não deixa de ser também uma crítica aos filósofos idealistas e racionalistas.

O desenvolvimento da concepção sartriana de consciência é fundamental para entender a relação que o filósofo estabelece entre ação humana, liberdade, nadificação e responsabilidade. Embora a consciência se direcione aos objetos do mundo para conhecê-los e percebê-los, o mundo e os seus objetos existem independentes da consciência e não podem sofrer qualquer tipo de alteração realizada por ela. O mundo com a sua estrutura independe da consciência para que possa existir. Isso contudo, não exclui o fato da consciência exercer o papel de perceber essas realidades e de lhes conferir significado. Este significado pode ser entendido como o papel ou função que determinado objeto deve desempenhar e exercer.

O mundo, do mesmo modo, também não se esgota em sua aparição a nós, como pensam os idealistas. Existe independente do conhecimento que dele temos. No máximo podemos dizer que o mundo apresenta-se como objetivo e subjetivo: objetivo porque nos aparece como já existindo antes que nossa consciência o revele; subjetivo porque, ao tornar-se conhecido, é transpassado por nossa subjetividade. Mas a consciência nada cria no mundo: este já nos surge plenamente construído. Nada que percebemos vem de nós, a consciência nada acrescenta à realidade concreta do mundo. [...] Mesmo a qualidade de um objeto (sua cor, sua consistência, seu sabor) não é criada pela consciência, mas constitui um aspecto do próprio Ser do objeto. (PERDIGÃO, 1995, p. 62-63).

Essa independência do mundo com relação a consciência, é o que justifica o fato dos objetos que compõem o mundo, escaparem ao controle da consciência, não sendo alterados por ela, porque já existem como estruturas e realidades totalmente plenas, são seres-Em-si. Isso porém, não impede o fato da consciência estabelecer relação com essas realidades. “Assim, tudo é claro e lúcido na consciência: o objeto encontra-se diante dela com toda a sua opacidade característica, mas ela, ela é pura e simplesmente consciência de ser consciência desse objeto, esta é a lei de sua existência.” (SARTRE, 2015, p. 23). Como já mencionado no primeiro capítulo, esses objetos opacos são os seres-Em-si, eles são caracterizados por seu caráter de seres determinados, prontos. Eles não possuem consciência, nem estabelecem relações com os outros seres do mundo.

### 3.2 O NADA

A proposta sartriana de consciência humana, provocou novas reflexões e questionamentos no campo da filosofia. Embora as ideias do filósofo francês tenham se originado a partir de reflexões já existentes e de concepções já consolidadas sobre o assunto, ele não deixou de propor novidades, que até então eram desconhecidas, como por exemplo: o caráter negativo da consciência. “O ser da consciência, enquanto consciência, consiste em existir à distância de si como presença a si, essa distância nula que o ser traz em seu ser é o Nada.” (SARTRE, 1997, p. 127). De fato, a filosofia sartriana estabelece um lugar de destaque para o Nada, e a existência humana passa a ser entendido por meio da relação com as realidades negativas.

Estudos sobre as realidades negativas, constituem uma questão fundamental na filosofia de Sartre. As investigações sobre o assunto, estabelecem um grande desafio a ser enfrentado pelo filósofo, sobretudo, no que diz respeito ao Nada. Embora seja paradoxal afirmar que o Nada possui uma gênese, o pensador francês caminhou na contramão de convenções filosóficas e demonstrou por meio dos seus escritos, não só que isso é possível, mas também necessário, pois a compreensão desse problema constitui a base fundamental para entender a existência humana e a sua relação com o mundo.

Ao contrário de algumas concepções filosóficas sobre o Nada, a concepção sartriana não se preocupa em caracterizá-lo como um conceito vazio, desprovido de significado, mas, pelo contrário: o coloca em um lugar de destaque na relação com o Ser. “Dessa forma, Sartre empresta ao nada uma dimensão ontológica de extrema importância [...] O nada não se reduz a um mero conceito vazio, desprovido de sentido.” (BORNHEIM, 1971, p. 44). A intenção de Sartre ultrapassa as questões relacionadas à conceituação do que seja o Nada, mas se detêm em encontrar o fundamento desse elemento significativo para a sua filosofia.

Estabelecer um ponto de partida para as investigações é um passo fundamental para entender o surgimento do Nada. De acordo com o escritor parisiense, algumas posturas humanas colocam o homem diante de realidades negativas e podem ajudar no entendimento dessa realidade.

Ora, a própria investigação nos oferece a conduta desejada: o homem que *eu sou*, se o apreendo tal qual é neste momento no mundo, descubro que se mantém frente ao ser em uma atitude interrogativa. No momento em que pergunto ‘há uma conduta capaz de me revelar a relação do homem com o mundo?’, faço uma interrogação.



Em toda interrogação ficamos ante o ser que interrogamos. Toda interrogação presume, pois, um ser que interroga e outro ao qual se interroga. (SARTRE, 1997, p. 44).

Para Sartre, a pergunta é uma das portas de acesso que coloca o indivíduo diante das realidades negativas. Ao lançar uma pergunta no mundo, o sujeito se coloca diante do ser e espera dele uma manifestação. “A pergunta e também certas atitudes e experiências humanas fazem o homem encontrar o negativo.” (BORNHEIM, 1971, p. 42). A postura interrogativa do homem está atrelada ao modo de como ele se relaciona com os objetos do mundo e com os outros indivíduos. O ser que é interrogado é entendido como uma categoria geral que abarca todos os existentes: o Em-Si e o Para-Si. Neste sentido, interrogar é buscar o sentido das coisas; é compreender as situações por meio das respostas que são fornecidas à consciência; é conferir significado às situações. Por esse motivo, o pensador parisiense ressalta a importância desse movimento, operado pelo indivíduo.

Ao realizar uma pergunta, aquele que interroga pode obter duas respostas: uma afirmativa ou uma negativa. A obtenção de uma resposta negativa é o início do caminho que coloca o homem diante do nada. Essa realidade negativa com a qual o indivíduo se depara, não se trata de uma abstração que possa ser negada, pois a negação disso é acabar com a objetividade da resposta adquirida, após o lançamento da pergunta.

Para o investigador existe, portanto, a possibilidade permanente e objetiva de uma resposta negativa. Com relação a isso, aquele que interroga, pelo fato mesmo de interrogar, fica em estado de não-determinação: não sabe se a resposta será afirmativa ou negativa. Assim, a interrogação é uma ponte lançada entre dois não-seres: o não ser do saber, no homem, e a possibilidade de não-ser, no ser transcendente. (SARTRE, 1997, p. 45).

Ao contrário de alguns filósofos que concebem o não-ser como uma realidade abstrata, Sartre entende que as realidades negativas são fatos objetivos e concretos. “[...] a negação que nos desvenda o não-ser não é simplesmente uma invenção de nossa subjetividade, ou uma noção psicológica que somente expressa uma relação de ideias. A negação está presente objetivamente [...]” (RODRIGUES, 2010, p. 41). Sendo assim, o homem não cria as realidades negativas, elas são apenas constatadas pela consciência. A negação é uma realidade objetiva, porque é fruto de uma relação que envolve seres concretos e existentes.

O não-ser é fruto de uma espera humana que supõe possibilidades de respostas mediante o estabelecimento de uma pergunta. O não-ser só aparece porque o sujeito lança perguntas ao mundo. Embora o Nada surja da relação do homem com o mundo, o mundo por si mesmo não pode nos fornecer o não-ser. Isso porque, ele só pode aparecer mediante uma

atitude do homem que se coloca diante do mundo em busca de respostas. “Neste ponto de vista, a interrogação corresponde à espera: espero uma resposta do ser interrogado. Ou seja, sobre o fundo de uma familiaridade pré-interrogativa com o ser, espero uma revelação de seu ser ou maneira de ser. A resposta será sim ou não.” (SARTRE, 1997, p.45). Esse fundo de familiaridade pré-interrogativa, mencionado pelo autor, trata-se de um pano de fundo, onde ocorre a movimentação operada pela consciência, com a finalidade de encontrar a resposta, ou seja, o objeto da interrogação. A consciência humana é aquela que constata o surgimento das realidades negativas, por meio de mecanismos que ocorrem após o resultado de uma interrogação.

Após obter o resultado da pergunta, o indivíduo realiza atos judicativos, ou seja, ele estabelece um juízo, embasado na comparação entre o resultado desejado e resultado obtido. Em muitas situações, a operação desses atos judicativos serão utilizados por Sartre, para explicar o processo de nadaificação. O exemplo do dinheiro na carteira, ajuda a ilustrar muito bem isso.

Penso que há na minha carteira mil e quinhentos francos, mas só encontro mil e trezentos: pode-se afirmar que a experiência não revelou em absoluto o não-ser de mil e quinhentos francos, mas apenas que contei treze notas de cem francos. A negação propriamente dita é atribuível a mim: só apareceria ao nível de um ato judicativo pelo qual estabeleço comparação entre o resultado esperado e o resultado obtido. Assim, a negação seria simplesmente uma qualidade do juízo, e a espera do investigador uma espera do juízo-resposta. (SARTRE, 1997, p.46).

Os atos judicativos são processos que colocam o homem diante das realidades negativas. Esse tipo de processo só pode ser atribuído ao Para-si, porque são frutos de atividades da consciência humana. Por outro lado, o ser-Em-si não pode constatar essas realidades, porque não possui consciência. Isso acontece porque, a constatação das negatividades no mundo está diretamente atrelada a subjetividade humana.

Embora os objetos do mundo não possam constatar a existência das negatividades, eles são elementos fundamentais para que as realidades negativas existam. Sem as realidades positivas, ou seja, o Nada seria uma simples abstração da consciência. Isso acontece porque, as realidades negativas não existem por si mesmas. Uma negação é sempre negação de alguma coisa. “Em outras palavras: o Nada só pode surgir em relação ao Ser, implícito no Ser e fundamentado em algo concreto, pressupondo o Ser para negá-lo.” (PERDIGÃO, 1997, p. 40).

O fato do Nada estar atrelado ao Ser para que possa existir, garante o seu caráter de realidade objetiva. Dessa relação entre Ser e Nada, a filosofia sartriana se desenvolve e ganha formas: os conceitos são fundamentados e a compreensão destes só pode acontecer mediante a

luz dessa relação, como acontece com os conceitos de Em-si, Para-si, consciência, liberdade, má-fé, nadificação, angústia, entre outros.

A todo momento a consciência opera atos judicativos, ou seja, estabelece juízos embasada na comparação de resultados obtidos após a instauração de uma pergunta. Após observar e analisar esses movimentos, Sartre pôde concluir que a constatação do não-ser é resultado de um processo que tem início na interrogação. Portanto, as realidades negativas não existem por si mesma, mas são frutos de um processo que tem início na interrogação. Os desdobramentos desse processo são fundamentais para a compreensão de um outro processo operado pela consciência humana e que envolve as realidades negativas: trata-se da nadificação.

Dessa relação entre a consciência e os objetos do mundo, é possível constatar como acontece a nadificação: ela é um dos processos operados pela consciência humana que acompanha toda a ação do Para-Si no mundo. Por meio dessa atividade é possível constatar o surgimento do nada em vários momentos da ação humana no mundo.

[...] o processo nadificador se desenvolve em duas direções; por um lado, o em-si é nadificado, mas apenas na medida em que se processa 'uma espécie de recuo nadificador' por parte do para-si; o para-si recolhe-se perpétuamente a si quando tenta relacionar-se ao em-si, e toda busca de relacionamento sofre uma constante nadificação. (BORNHEIM, 1971, p. 45).

Esse processo acontece a todo momento da existência humana; afeta tanto o sujeito que age, quanto o objeto da ação. Por esse motivo, Bornheim destaca essa dupla direção da nadificação que alcança tanto o Em-si, quanto o Para-si. Essa atividade pode ser constatada a partir das relações que o Para-si estabelece com os objetos do mundo, seja para utilizá-los ou para realizar algum tipo de pesquisa, cujo intuito seja alcançar algum objeto ou realidade específica. Dentre os aspectos que estão contidos no ato nadificador, existe uma atividade que é classificada como: recorte limitativo de um ser no ser. Diante desta afirmação, talvez possa surgir a seguinte dúvida: Como esse recorte acontece? Talvez um exemplo ajude na compreensão disso.

Alguém que se dirige a uma biblioteca, para realizar a pesquisa por um livro específico, realiza o processo de nadificação em vários momentos da pesquisa. Inicialmente, quando em detrimento de alcançar o objeto de sua pesquisa, exclui de sua atenção todos os outros títulos de livros que não sejam o título desejado: os outros livros e elementos que compõem a biblioteca, são nadificados com relação ao objeto da pesquisa: eles não são o livro desejado; são nada com relação a ele. A nadificação também é aplicada ao objeto da pesquisa, pois com

relação aos outros elementos e livros da biblioteca, o livro desejado é nada. Até ser encontrado, só existe como possibilidade de realização, não é uma realidade efetiva e objetiva que possa ser percebida. Os livros que não são objeto da pesquisa, tornam-se realidades marginais da percepção, pois a atenção do pesquisador se dirige unicamente ao que está sendo procurado: determinado tipo de livro que possui um título específico. Nesse movimento de busca por um objeto específico, existe um recorte limitativo de um ser no ser.

O recorte limitativo é a demarcação daquilo que se deseja alcançar como resultado da pesquisa. É a ação de evidenciar o objeto ou realidade desejada, com relação aos outros elementos que compõem a cena da ação. Essa atividade é uma ação da consciência, a fim de obter a forma desejada. Com relação ao exemplo da pesquisa na biblioteca, esse recorte se refere a evidenciar o livro que está sendo buscado com relação aos outros livros. Esse recorte é necessário, porque existe uma espécie de disputa entre o objeto procurado e os outros elementos que compõem o cenário da pesquisa. Os livros e elementos da biblioteca, tentam se sobressair, tentam tomar o lugar do objeto procurado, buscam roubar a atenção da consciência para si. Por esse motivo, o recorte limitativo é fundamental para não fazer a consciência perder a atenção, haja vista que, todos os elementos que compõem a biblioteca são realidades percebidas pela consciência.

Sartre dispõe de outros exemplos e situações, que ajudam a compreender bem esse processo tão importante e complexo. O exemplo do soldado é um desses tipos de situações que ajudam a ilustrar essa atividade. “O soldado de artilharia a quem se determina uma meta aponta seu canhão nessa direção, *com exclusão* de todas as outras.” (SARTRE, 1997, p. 49, grifo do autor). A meta do soldado só pode ser alcançada mediante a exclusão das outras possibilidades, ou seja, das outras direções em detrimento da direção desejada. Neste sentido, as outras direções são nadificadas com relação a direção desejada.

Não se pode esquecer que o surgimento das realidades negativas, tem início quando o sujeito estabelece uma pergunta, ou seja, quando assume uma postura interrogativa diante do mundo ou de situações específicas. Considerar essa postura é um dos caminhos para entender como acontece o processo de nadificação. Para explicar como isso acontece, Sartre se vale de muitas situações e exemplos, como já fora dito anteriormente. De certa forma, a adoção e o uso dessas situações ilustrativas, acabam sendo formas didáticas de explicar com detalhes, este processo.

Dentre os tantos exemplos empregados por Sartre, para descrever a nadificação, um é bem interessante. Trata-se da descrição de um suposto encontro entre o filósofo francês e o seu amigo Pedro, em um determinado bar. “Tenho encontro com Pedro às quatro. Chego com atraso

de quinze minutos; Pedro é sempre pontual; terá esperado? Olho o salão, os clientes, e digo: ‘Não está’.” (SARTRE, 1997, p. 50). Com base na descrição desta cena, pode-se perceber que a primeira postura adotada por aquele que chega no bar, é a interrogação, é a pergunta por Pedro. Por conseguinte, o lançamento da pergunta é o primeiro passo do processo de nadificação. Outros detalhes do decorrer do encontro, são fornecidos na descrição da cena.

Sem dúvida, o bar, por si mesmo, com seus clientes, suas mesas, bancos, copos, sua luz, a atmosfera esfumaçada e ruídos de vozes, bandejas entrecrocando-se e passos, constitui uma plenitude de ser. Analogamente, a presença real de Pedro em um lugar que desconheço é também plenitude de ser. Parece que deparamos com plenitude por toda parte. Mas é preciso notar que, na percepção, ocorre sempre a constituição de uma forma sobre o fundo. Nenhum objeto, nenhum grupo de objetos está especificamente designado para organizar-se em fundo ou forma: tudo depende da direção da minha atenção. Quando entro nesse bar em busca de Pedro, todos os objetos assumem uma organização sintética de fundo sobre a qual Pedro é dado como “devendo aparecer”. E esta organização do bar em fundo é a primeira nadificação. Cada elemento do lugar, pessoa, mesa, cadeira, tenta isolar-se, destacar-se sobre o fundo constituído pela totalidade dos outros objetos, e recai na indiferenciação desse fundo, diluindo-se nele. (SARTRE, 1997, p. 50).

A intenção do autor é deixar bem claro que esse tipo de processo acontece dentro da realidade concreta e objetiva do mundo, por esse motivo, ele faz uma descrição detalhada dos elementos que compõem a cena na qual ocorre a nadificação. A situação descrita é composta por duas realidades distintas, caracterizadas pelo autor como plenitudes de ser. Para que a nadificação aconteça, a consciência precisa se deparar com essas realidades plenas, descritas pelo autor, como sendo os elementos do bar e a possibilidade da presença real de Pedro nesse local. Essa constatação é classificada como percepção, pois todos os elementos da cena são realidades percebidas pela consciência. Na concepção sartriana, a consciência perceptiva está diretamente atrelada às realidades concretas e objetivas do mundo.

De acordo com as considerações de Sartre, a consciência é responsável por estabelecer uma organização das realidades que são percebidas. Essa organização de forma sobre o fundo é extremamente importante, pois é através dela que a consciência se direciona para evidenciar a realidade desejada ou objeto pesquisado, e conseqüentemente realizar a nadificação. A busca por Pedro é responsável por orientar a ação do indivíduo, os seus olhares e sentidos.

[...] a ausência de Pedro pressupõe uma relação primeira entre mim e o bar; há uma infinidade de pessoas sem qualquer relação com o bar, à falta de uma espera real que as constate como ausentes. Mas precisamente, eu esperava ver Pedro, e minha espera fez chegar a ausência de Pedro como acontecimento real alusivo a este bar; agora, é fato objetivo de descobri tal ausência, que se mostra como relação sintética entre Pedro e o salão onde o procuro; Pedro ausente *infesta* este bar e é a condição de sua organização nadificadora como fundo (SARTRE, 1997, p. 51, grifo do autor).

A forma é o objeto ou realidade desejada, enquanto o fundo são todos os outros objetos marginais que compõem o cenário. Essa distinção não se dá por si mesma, mas é o resultado do foco da atenção da consciência. Com a relação ao exemplo analisado, essa organização de fundo sobre a forma, é o modo da consciência evidenciar o desejo da aparição de Pedro no bar, sendo assim, todos os outros elementos e estruturas que compõem o bar são nadificados, ou seja, são considerados como nada com relação a aparição de Pedro.

A nadificação é um processo que envolve a relação entre os seres, e Sartre ressalta isso a todo o instante do seu exemplo. O desfecho do encontro é a constatação da ausência de Pedro no bar. Captar essa ausência é captar um vazio, uma falta. Contudo, essa constatação não é uma simples emissão de um juízo negativo. Para que a ausência de Pedro seja captada, ou seja, o seu não-ser, é necessário que a nadificação aconteça naquele ambiente que é o bar. “[...] o não-ser não vem as coisas pelo juízo de negação: ao contrário, é o juízo de negação que está condicionado e sustentado pelo não-ser” (SARTRE, 1997, p. 51).

O não-ser não pode ser revelado pelo juízo da negação, porque o indivíduo pode emitir falsos juízos que não estejam baseados na observação dos fatos. Um juízo negativo só pode ser emitido depois da constatação do não-ser. Após a constatação do não-ser, a consciência estabelece uma comparação entre o resultado obtido e o resultado esperado. No caso do exemplo apresentado, Sartre esperava encontrar a presença de seu amigo Pedro, contudo, constata a sua ausência. Sem realizar esse movimento, ou seja, sem realizar uma verificação atenta de que Pedro se faz ausente, mediante a comparação do resultado esperado com o resultado obtido, não se pode dizer: Pedro não está!

A nadificação pode ser entendida como um processo de transcendência operado pela consciência, na direção de realidades desejadas. Essa atividade não acontece em um plano metafísico, mas está imersa na própria imanência. Ao se deparar com os elementos do bar e toda a sua estrutura, a consciência supera essas realidades, nadificando-as, tornando-as como não relevantes, como nada, a fim de que toda a sua atenção esteja direcionada à figura de Pedro ou ao desejo de encontrar a sua presença naquele ambiente nadificado. Importante salientar que no processo de nadificação, o indivíduo não é um mero espectador ou sujeito ativo da ação; ele também é afetado pelas realidades negativas.

De acordo com Sartre, a consciência pode ser entendida como perceptiva ou imaginativa. Tanto em uma realidade, quanto na outra, é possível constatar o caráter nadificador da consciência.

A consciência perceptiva coloca tudo sobre um modo de não ser. Ao percebermos um objeto, lançamos a negatividade sobre (a) o objeto, (b) os outros objetos ao redor, (c) nós mesmos. Assim por exemplo, para afirmar que este objeto é um livro, tenho implicitamente de nadificar (a) o objeto (vendo-o como *não sendo* eu), (b) os objetos ao redor (vendo esta mesa ou aquela cadeira como *não sendo* este livro). Em outras palavras, diante de um objeto presente aos nossos olhos, a afirmação que fazemos da sua percepção contém necessariamente a negação do contrário. (PERDIGÃO, 1995, p. 41, grifos do autor).

Por meio desta citação, é possível perceber que a nadificação é uma atividade cotidiana da consciência, que pode ser percebida desde as relações mais simples do cotidiano que o indivíduo estabelece com os objetos utensílios, até as relações mais complexas com os outros indivíduos. Também é possível perceber como nesse processo o indivíduo é afetado pelo nada. Neste sentido, a todo o momento da existência humana, o indivíduo realiza atos de nadificação. Essa atividade da consciência é um elemento constitutivo da ação humana no mundo.

Todavia, onde mais claramente se revela o caráter nadificador da consciência é na imaginação. Ao imaginar, a consciência se dirige a um objeto totalmente destacado do mundo real percebido e que não mantém qualquer ligação com ele - seja por não existir em parte alguma (a imagem de um centauro), seja por não estar presente à percepção (a imagem de Pedro, quando este se encontra em outro lugar; ou ainda, mesmo que Pedro se ache presente, a sua imagem de há dez anos). A consciência da imagem exige inclusive a exclusão radical da capacidade de percepção do real: quando imaginamos, nada podemos perceber, pois o nosso objeto está à margem da realidade, e nós o constituímos mantendo o real à distância, nadificando o real. Nadificamos o *que é*, para imaginarmos o *que não é*. (PERDIGÃO, 1995, p. 42, grifos do autor).

Assim, para sustentar a imaginação, a consciência precisa operar um duplo ato nadificador, como explica o pensador francês:

A imagem deve conter em sua própria estrutura uma tese nadificadora. [...] Traz dupla negação: é primeiro nadificação do mundo (na medida em que não é o mundo que neste momento oferece como objeto real de percepção o objeto captado como imagem), depois nadificação do objeto da imagem (na medida em que é designado como não-real) e, ao mesmo tempo, nadificação de si mesma, imagem (na medida em que não é um processo psíquico concreto e pleno). (SARTRE, 1997, p. 69-70).

A imaginação é uma realidade subjetiva da consciência, porque não pode ser percebida por outros indivíduos, além daquele que a concebe. Isso contudo, não exclui o fato de que na imaginação sejam empregados elementos objetivos, como referenciais para a sua construção, como por exemplo: quando alguém evoca à consciência uma cena ou situação que aconteceu no passado, ou idealiza cenas de uma possível viagem para determinado lugar.

De acordo com Sartre, a nadificação também é empregada quando o indivíduo deseja modificar alguma realidade ou situação com a qual está insatisfeito. Essa atividade acontece

mediante a sobreposição de um plano ideal sobre o real, ou seja, mediante a nadificação da realidade concreta e objetiva, o sujeito estabelece uma realidade ideal em seu lugar. Após esta sobreposição, o indivíduo pode realizar a comparação entre a situação ideal e a situação real. Como consequência desta comparação, o sujeito consegue constatar o que de fato precisa ser modificado e orienta a sua ação para esse fim. Neste sentido, o nada se torna um elemento que orienta a ação do Para-si.

As relações que o Para-si estabelece com os objetos do mundo e como os outros indivíduos, estão diretamente atreladas às realidades negativas. A relação que o Nada estabelece com o Ser é tão forte que, ao discorrer sobre isso, o filósofo francês afirma:

Compreendemos que não se podia conceber o Nada *fora* do ser, nem como noção complementar e abstrata, nem como meio infinito onde o ser estivesse em suspenso. É preciso que o Nada seja dado no miolo do Ser para que possamos captar esse tipo particular de realidades que denominamos Negatividades. (SARTRE, 1997, p. 64, grifo do autor).

Com esta afirmação o autor delimita os espaços onde o Nada pode ser gerado e compreendido. Neste sentido, a citação pode ser entendida do seguinte modo: Dizer que o Nada não pode ser uma realidade fora do ser, significa dizer que ele não é uma realidade externa a realidade do Ser, ou seja, uma realidade em si mesma, independente, mas está condicionado à existência do Ser, para que possa existir, depende do Ser, para que seja nadificado. Contudo, essas afirmações não resolvem em definitivo o problema levantado pelo próprio Sartre: de onde vem o Nada?

[...] o Ser pelo qual o Nada vem ao mundo é o da realidade humana. [...] É pela realidade humana que as coisas se organizam em forma de ‘complexos-utensílios’, é pela possibilidade de negação que a ‘realidade’ à nossa volta se organiza ou, em outras palavras, é pelas negatividades que as ‘massas de ser’ vão se transformando em mundo. (RODRIGUES, 2010, p. 45).

O homem é o responsável por condicionar a aparição do Nada no mundo e a liberdade sartriana é entendida à luz dessa relação com o negativo. A realização do processo de nadificação do Nada só é possível, graças a liberdade do homem. Por não ter uma essência definida, o homem existe como uma realidade negativa. Neste sentido, o Nada é um elemento constitutivo da sua existência.



## **4 DISSIMULAÇÃO DA LIBERDADE NA FUGA DA RESPONSABILIDADE - O CONCEITO DE “MÁ-FÉ”**

Nos capítulos anteriores deste trabalho, as realidades negativas e a relação do Ser com o Nada, foram adotados como pontos capitais que ajudaram a nortear as considerações realizadas. Neste capítulo, a perspectiva a ser adotada não poderia ser outra, haja vista, que na filosofia de Sartre, as realidades negativas e a relação que esta possui com o Ser, são elementos fundamentais para entender os conceitos elaborados pelo filósofo, dentre eles o conceito de “má-fé”.

Mediante o projeto filosófico empreendido pelo escritor parisiense, é possível perceber um caminho metodológico muito bem formulado, que estabelece o homem como sendo o senhor do seu próprio destino. Essa constatação advém das reflexões filosóficas de Sartre, quando este estabeleceu a liberdade como uma realidade ontológica que caracteriza o homem. Se por um lado o homem é entendido como liberdade, dessa característica provém a inegável responsabilidade que o indivíduo carrega consigo, no que diz respeito a toda a sua existência no mundo e as ações praticadas. Contudo, essa liberdade e todos os seus desdobramentos são constantemente ameaçadas pelo próprio indivíduo, quando este assume posturas que tentam negar essa condição existencial que o caracteriza, ou tenta fugir das responsabilidades inerentes a esta realidade. Muitos são os desdobramentos que essa postura comporta, dentre eles, alguns serão abordados neste capítulo, que é dedicado a má-fé.

### **4.1 A FUGA DE SI PRÓPRIO: NEGAÇÃO DO PROJETO DE SER**

O projeto filosófico proposto por Sartre estabelece o homem como um ser, condenado a liberdade. Em decorrência dessa condenação, o homem é o único responsável por sua existência no mundo e por todas as ações e escolhas que realiza, tornando-se assim, o senhor do seu próprio destino. Desse modo, “[...] o homem, sem nenhum tipo de apoio nem auxílio, está condenado a inventar a cada instante o homem.” (SARTRE, 2014, p. 25). O homem está totalmente desamparado nessa tarefa de realizar o seu projeto existencial de construir a si mesmo. Porém, é muito comum que em alguns momentos de sua existência, o indivíduo busque fugir desse desamparo, característico da sua existência como projeto. Assim sendo, essa condição existencial é constantemente ameaçada pelo próprio indivíduo, quando este assume posturas que buscam sabotar essa condição, a qual está condenado.

Assumir esse projeto existencial é um verdadeiro desafio, pois a liberdade sartriana põe o homem diante de uma realidade angustiante, que deve ser vivenciada de forma individual, durante toda a sua existência.

Ao contrário do que parece, a descoberta da liberdade não é uma experiência jubilosa: dela decorrem dois tipos de angústia - uma de origem temporal, outra de natureza ética, ambas decorrentes do fato de o Para-Si, sendo livre, não ter como se precaver contra a permanente possibilidade de fazer nova escolha de sua maneira de ser. No caso da angústia temporal, nós nos apreendemos separados do que fomos no passado e do que seremos no futuro, obrigados a criar eternamente aquilo que somos. Porque sou livre, uma decisão do passado não pode determinar obrigatoriamente uma decisão atual, nem uma decisão presente decidirá o que serei amanhã. A livre eleição que fazemos de nós está constantemente ameaçada de metamorfose - e assim os possíveis que escolhemos correm risco permanente, já que não temos domínio sobre o futuro. (PERDIGÃO, 1995, p. 112).

Essa angústia advinda da liberdade é fruto do total desamparo do homem diante da inegável responsabilidade que deve assumir frente a sua existência no mundo. Essa angústia temporal, significa que o homem precisa reafirmar as suas escolhas e ações a cada instante de sua existência, pois não existe um fundamento para as suas ações. Nada pode orientar, conduzir ou fundamentar qualquer tipo de ação do homem. “Por exemplo: o jogador que um dia resolveu abandonar o vício pode, frente a uma mesa de jogo, sentir-se atraído, pois a decisão anterior não obriga a manter a conduta assumida.” (*Ibidem*). Isso significa que as escolhas do passado não podem fundamentar as ações do presente. A eleição de um projeto, não significa que ele não possa ser excluído e em seu lugar seja estabelecido outro. Sendo assim, o homem precisa realizar escolhas a todo instante de sua existência, reafirmando o que escolheu no passado ou negando o que havia escolhido. Tudo isso é realizado sem nenhum tipo de justificativa ou fundamento. Em decorrência dessa ausência de fundamento, para realizar novas decisões, é o que surge a angústia.

Pode-se depreender então que, a angústia é inerente à ação. Para Sartre não é possível conceber o homem, como um fruto de ações passadas. A história não pode determinar a sua ação, muito menos aquilo que ele será, porque isso representa um determinismo, uma espécie de amarra que condiciona o homem e o seu modo de ser, como sendo fruto de acontecimentos e fatos passados. Esse tipo de posicionamento é totalmente contrário a sua filosofia, que prega o homem como sendo liberdade. O homem é o único fundamento dos seus atos e dos projetos que elege a cada instante de sua existência. Além de assumir a angústia temporal, o homem também se depara com uma angústia ética. Esta diz respeito aos valores e normas morais que devem ser seguidos pelo indivíduo.

No caso da angústia ética, constatada nossa liberdade, advém a certeza de que os valores morais têm como único fundamento possível a nossa decisão de criá-los. A vida é permanente escolha, e, como cada uma de nossas escolhas, escolhemos o que somos, definimos a nós mesmos, por nós mesmos. A cada instante temos de optar por um valor, uma regra de conduta. O que nos angustia é saber que não temos a que recorrer para orientar as nossas escolhas. (PERDIGÃO, 1995, p. 113).

A angústia ética significa que o homem é o único responsável por estabelecer valores e normas morais que devam ser seguidas por ele. Isso acontece, porque na filosofia sartriana não existe um lugar onde esteja depositado valores ou normas morais, que oriente a ação do homem. O Para-si é o único fundamento dessas normas e leis morais, no sentido de total responsabilidade por seus atos e por todas as consequências advindas de suas ações. “Nenhuma regra de uma moral genérica pode indicar o que devemos fazer; não existem sinais outorgados no mundo. Os católicos replicarão: ‘Mas claro que há sinais’. Admitamos, sou eu mesmo, em todo caso, que escolho o significado que eles têm.” (SARTRE, 2014, p. 28).

Vivenciar a dimensão angustiante da liberdade, põe o homem diante da mais concreta realidade, e o estabelece como único legislador de sua existência. Essa responsabilidade não se restringe apenas sobre si mesmo, mas se estende a toda a humanidade. As considerações sobre a angústia e a relação que esta possui como homem, foram realizadas inicialmente por Kierkegaard, tornando-se como o passar do tempo, uma das principais temáticas a serem abordadas no existencialismo filosófico. As considerações do escritor francês sobre a temática, afirmam que:

O existencialismo costuma declarar que o homem é angústia; isso significa o seguinte: o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas o que escolhe ser, mas é também um legislador que escolhe ao mesmo tempo o que será a humanidade inteira, não poderia furtar-se do sentimento de sua total e profunda responsabilidade. (SARTRE, 2014, p. 21).

A angústia não é um elemento externo à realidade humana, mas é o próprio homem. Vivenciar a dimensão angustiante da liberdade, é ter a capacidade de agir de forma consciente, levando em consideração o fato de que, embora uma ação seja pessoal e subjetiva, ela gera impactos no coletivo. Assim sendo: ao agir, o homem não é apenas responsável por si, mas por todos os homens, por aquilo que a humanidade pode se tornar. “Assim, nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela envolve a humanidade como um todo. [...] sou responsável por mim e por todos e crio uma determinada imagem do homem que escolho ser [...]”. (SARTRE, 2014, p. 21). Isso significa dizer que: ao eleger determinado projeto ou valor para si, o homem está elegendo valores que são responsáveis por conferir significado ao mundo. “Se sou proletário e me inscrevo em um sindicato comunista em vez de uma agremiação cristã

é porque, no fundo, fiz uma idéia do Homem: o comunismo é, para mim, o que mais convém à humanidade.” (PERDIGÃO, 1995, p. 115).

Viver a dimensão angustiante da liberdade consiste no fato do indivíduo ter a capacidade de assumir as consequências de seus atos. Ele deve ser capaz de considerar a repercussão de suas ações, e deve assumir sem fuga, os efeitos decorrentes de todos os seus atos. Viver a angústia é assumir o drama da responsabilidade, necessário à vivência da liberdade. Entretanto, nem todos desejam vivenciar esse drama, por esse motivo, é muito comum encontrar pessoas que se esquivam da responsabilidade dos seus atos, mascarando a angústia, negando assim, a própria existência como projeto de ser.

Por sermos livres, somos angústia. Para mascarar-la, precisamos disfarçar a liberdade que somos, e, nesse sentido, usamos cotidianamente diversos expedientes e truques. Mentimos a nós mesmos para acreditar que não somos livres ou responsáveis por nossos atos. Pode-se dizer, de modo geral, que há uma tendência do homem para se negar como liberdade. Sartre considera mesmo que a ciência, a religião, a psicologia, determinado marxismo mecanicista - acrescentaríamos credices populares (como a astrologia) - inventaram o que chama de “ídolos explicativos de nossa época” - seja Deus, o inconsciente, a dialética da natureza, etc. - basicamente como um esforço para sufocar a nossa liberdade, livrar-nos da angústia, eximir-nos da responsabilidade por nossos atos. (PERDIGÃO, 1995, p. 116).

Essa tentativa de mascarar a angústia, pode ser entendida como uma fuga de si mesmo: postura que é entendida como má-fé. Isso porque, ao tentar se eximir do peso da liberdade, o homem tenta negar a sua existência como projeto. Por isso, situações externas a consciência começam a ser empregadas por ele, para justificar as suas escolhas, os seus fracassos e sucessos. Esse mecanismo de fuga de si, é apenas um entre os vários outros aspectos que a postura de má-fé comporta.

A angústia começa a ser mascarada quando o homem, ao realizar qualquer tipo de ação, se esquia de fazer para si as seguintes perguntas: “O que aconteceria se todos agissem do mesmo modo? [...] sou eu mesmo o homem que tem o direito de agir de forma tal que a humanidade se oriente por meus atos?” (SARTRE, 2014, p. 22). Estas perguntas oferecem um dado importantíssimo para compreender a relação entre ação e ética, dentro do sistema filosófico proposto por Sartre, haja vista que em sua proposta filosófica não existe um lugar para o depósito de valores ou normas morais que devam ser seguidas pelo homem, pois ele é o único fundamento dessas normas e leis morais, no sentido de total responsabilidade pelos seus atos e pelas consequências de suas ações. Por esse motivo, antes de empreender qualquer ação ou realizar alguma escolha, o homem deve pensar e se fazer as perguntas mencionadas anteriormente, pois se furtar de tais questionamentos é mascarar a angústia, é se eximir de

assumir as rédeas do próprio destino. Contudo, mesmo que o homem tente fugir da angústia, é inevitável que ela apareça.

A liberdade sartriana não só obriga o homem a agir e realizar escolhas a todo instante de sua existência, mas também o torna totalmente responsável por si e pelos outros homens. Sendo assim, o indivíduo não pode orientar a sua vida<sup>14</sup> por meio da existência de um destino, de realidades pré-determinadas, ou até mesmo de sinais que o possam orientar. Estes podem até existir, mas o homem é o único responsável por lhes conferir um real significado e uma utilidade, pois um sinal por si mesmo, não pode determinar a ação de nenhum indivíduo. O homem é o único responsável por decifrar os sinais e decodificar as mensagens que lhes são apresentadas. Sartre discorre sobre o assunto, fazendo menção ao exemplo de Abraão, proposto por Kierkegaard, quando este fala da angústia.

A história bíblica narra que um anjo apareceu a Abraão e lhe disse para sacrificar o seu filho, Isaac. O escritor parisiense parte dessa história para fazer alguns questionamentos e problematizar a situação, conduzindo os indivíduos a uma profunda reflexão sobre a ação do homem no mundo. Segundo as considerações de Sartre (2014), Abraão não pode agir orientado pelos sinais que recebe. Ele não pode sacrificar o seu filho, sem antes fazer uma interpretação da situação na qual se encontra. Por esse motivo, precisa interpretar os sinais, precisa lhes conferir um significado. Só o homem pode conferir um significado aos sinais que lhe são oferecidos. Essa situação, em torno da figura de Abraão, é para reforçar a total responsabilidade que o homem possui diante das situações nas quais se encontra.

Eu jamais terei alguma prova disso, algum sinal pra me convencer. Se uma voz se dirige a mim, sou eu que terei que decidir que esta voz é a voz do anjo; se eu considero que determinado ato é bom, sou eu que escolho declará-lo bom e não mau. Nada me designa como sendo Abraão. No entanto, sou obrigado, a cada instante, a realizar ações exemplares. Tudo acontece para cada homem como se a humanidade inteira estivesse sempre com os olhos sobre o que ele faz para agir da maneira semelhante. (SARTRE, 2014, p. 22).

Assumir o peso de existir como um projeto de ser, sem nenhum tipo de amparo ou apoio, que possa orientar a existência, não é uma tarefa fácil, principalmente, por conta de todas

---

<sup>14</sup> Se por um lado estar vivo é o que possibilita a existência do homem como projeto, como realidade indefinida, a morte foi compreendida por alguns filósofos, dentre eles, Heidegger, como uma realidade humana que realiza o fechamento desse ciclo da existência. “Mas Sartre discorda de Heidegger: a morte, está certo, não é um limite à liberdade, mas não porque seja um projeto livre da consciência ou pertença à estrutura do Para-Si – e sim, ao contrário, por não ser um projeto nem pertencer ao Para-Si. A morte nada tem de ‘humana’, mas é totalmente estranha à existência humana. Escapa, por princípio, ao Para-Si, não faz parte essencial da vida nem é um componente ou um ‘prolongamento’ da existência.” (PERDIGÃO, 1995, p. 101).

as implicações que decorrem dessa condição. Em decorrência disso, é comum que em alguns momentos de sua existência, o homem tente negar essa realidade ontológica.

Com efeito, tudo é bem mais simples quando negamos nossa liberdade para nos abrigar por trás do determinismo, para termos desculpas fáceis invocando, por exemplo, nossa infância ou os gregos, que seriam os responsáveis por distribuir os papéis, modelar os caracteres e definir os comportamentos, sem possibilidade de interferência. (ALLOUCHE, 2019, p. 60).

Muitos são os motivos que o homem pode empregar, para tentar justificar a negação dessa liberdade que o caracteriza. Dentre eles, estão: a árdua tarefa de se construir a cada instante, sem nenhum tipo de amparo ou apoio; o peso da total responsabilidade pelos seus atos e ações no mundo, sem o uso de desculpas ou justificativas que possam fundamentar os seus sucessos ou fracassos; o desejo de existir como uma realidade definida e acaba; a recusa pela angústia advinda da liberdade, dentre tantos outros motivos que podem ser empregados. Sartre classificou esse tipo de postura que emprega desculpas para negar a liberdade, como sendo uma atitude de má-fé. Ao assumir tal postura, o homem tenta fugir de si mesmo, negando a sua existência como projeto de ser. Tenta dissimular a liberdade que o caracteriza.

Ao negar a liberdade, o indivíduo tenta fugir das consequências advindas dessa condição existencial, tenta se eximir da responsabilidade de assumir os resultados de suas ações e escolhas no mundo. Isso acontece, porque “Não é tão simples ser livre. Às vezes, temos dificuldade para assumir nossa liberdade porque ela pode representar um fardo do qual preferimos nos desvencilhar.” (ALLOUCHE, 2019, p. 64). Sendo assim, o homem prefere revestir a sua existência de desculpas, fatalismos, situações pré-determinadas e toda espécie de situação ou realidade, que possa justificar as suas escolhas e ações no mundo. Estas são atitudes típicas dos que recusam assumir a sua condição de seres livres. Contudo, até mesmo esse tipo de postura que busca negar a liberdade e a existência do Para-si, como projeto de ser, só é possível por conta da liberdade: são expressões da existência livre do homem, pois, todas as ações humanas, só são possíveis por conta dessa realidade ontológica que o caracteriza, até mesmo, aquelas que tentam negá-la. “Se ser homem é ser livre, mesmo na cadeia, mesmo escravo, o homem é livre. A liberdade é o fundamento sem fundamento de todas as nossas ações; é ela que permite toda ação, mas não traz nenhuma justificativa para o ato.” (SOUZA, 2019, p. 49). O único fundamento de toda e qualquer ação humana, advém do próprio homem enquanto sujeito singular. Um indivíduo não pode fundamentar ou justificar a ação do outro.

A liberdade é o que possibilita a existência do homem como um projeto de ser, ou seja, como um Ser-Para-si. O homem não é um ser definido, mas é caracterizado pelo vazio, pela

indeterminação, pelo nada. Quando o indivíduo assume uma postura que tenta negar a liberdade, ele nega o fato ser caracterizado por uma realidade negativa, nega a própria existência como projeto de ser e todas as consequências advindas dessa condição. Para alguns, assumir esse tipo de postura tornaria a vida mais cômoda, pois ao negar a liberdade, o homem estaria se eximindo da responsabilidade de ser ele mesmo o fundamento de suas ações. Tais posturas são expressões da má-fé: importante fenômeno da filosofia sartriana.

## 4.2 A MÁ-FÉ

Discorrer sobre o fenômeno da má-fé, é falar de um importante conceito da filosofia sartriana. O termo costuma ser empregado para caracterizar um tipo de postura muito comum, assumida pelo homem em vários momentos de sua existência.

Há na consciência um risco permanente de Má-Fé, decorrente do fato mesmo de que ela não-é-o-que-é e é-o-que-não-é. Na verdade, em um nível puramente ontológico, pode-se dizer que a realidade humana é sempre de Má-Fé, e nem poderia ser diferente. Confirmação disso é que a atitude oposta que poderíamos tomar com relação a nós mesmos - a sinceridade - é de todo impossível. O “campeão da sinceridade” é aquele que decide ser exatamente aquilo que é, sem reticências: “Sou isso e ponto final”. (PERDIGÃO, 1995, p. 120).

Ao agir de má-fé, o indivíduo tenta negar aspectos de sua existência como realidade negativa. É uma tentativa do Para-si de se tornar Em-si. Isso é o que acontece com aqueles que se consideram sinceros, pois ao se classificarem como sendo aquilo que são, negam a própria existência como constante movimento. A sinceridade é apenas uma dentre as diversas posturas que expressam a má-fé.

Apesar da liberdade estabelecer o homem como sendo o responsável por conferir significado a si e ao mundo, é comum que em muitos momentos de sua existência, o homem assuma posturas que tente negar essa responsabilidade. Essa atitude negativa com relação a si, é uma espécie de autossabotagem do projeto de ser do Para-si, o qual todos os indivíduos são responsáveis por realizar. Quando o indivíduo tenta se eximir das responsabilidades provenientes de suas ações, ele tenta negar para si, aspectos da vida que são considerados desagradáveis. Essa postura pode ser entendida como um desejo humano de se retirar do mundo como possibilidade de ação. Por esse motivo, o homem neutraliza os próprios sentimentos, torna-se um ser inerte, semelhante a um ser-Em-si.

Para explicar o conceito de má-fé, Sartre estabelece as realidades negativas como ponto de partida para orientar suas reflexões. De acordo com o filósofo: “Convém escolher e

examinar determinada atitude que, ao mesmo tempo, seja essencial à realidade humana e de tal ordem que a consciência volte sua negação para si, em vez de dirigi-la para fora. Atitude que parece ser a *má-fé*.” (SARTRE, 1997, p. 93). Com isso, o autor deixa bem claro que a má-fé é uma atividade da consciência humana. Trata-se de uma realidade subjetiva do homem. Portanto, um fenômeno interno da consciência. Quando o indivíduo assume esse tipo de postura, ele tenta negar a sua existência como realidade negativa. É um paradoxo que só pode ser entendido à luz da própria liberdade que é o homem.

Na filosofia sartriana, os conceitos elaborados possuem uma ligação muito interessante entre si. Existe uma espécie de interdependência entre eles. Essa ligação é chave que possibilita o pleno entendimento de alguns desses conceitos, dentre eles, o conceito de má-fé, pois o seu entendimento está diretamente atrelado ao conceito de liberdade. “A possibilidade da liberdade - centro gravitacional da filosofia existencialista como um todo e do pensamento sartriano em especial - não é inteiramente compreensível senão no horizonte da má-fé, ameaça permanente ao caráter radical da liberdade humana.” (BURDZINSKI, 1999, p. 11). Aqui é possível perceber que o autor estabelece a má-fé, como elemento importante na compreensão da liberdade proposta por Sartre. Se por um lado, a má-fé é caracterizada como horizonte que possibilita o pleno entendimento da liberdade, é bem verdade que a inversão dessa ordem, também se aplica no que diz respeito ao entendimento da má-fé. Outro detalhe que não pode passar despercebido, é o fato da má-fé ser caracterizada como “ameaça permanente ao caráter radical da liberdade humana”. Com essa afirmação, Burdzinski (1997) evidencia a má-fé como um tipo de postura assumida pelo homem de forma recorrente.

Para explicar o conceito da má-fé, na obra *O Ser e o Nada*, o autor estabelece uma relação entre esse fenômeno e a mentira. A analogia entre má-fé e mentira, serve para evidenciar algumas características próprias da má-fé. Embora ambas sejam posturas constantemente assumidas pelo homem, se faz necessário fazer a distinção entre elas.

Aceitemos que má-fé seja mentir a si mesmo, desde que imediatamente se faça distinção entre mentir a si mesmo e simplesmente mentir. Admitamos que a mentira é uma atitude negativa. Mas esta negação não recai sobre a consciência, aponta só para o transcendente. (SARTRE, 1997, p. 93).

Para que a mentira aconteça, ela depende da relação mínima entre duas consciências: a consciência enganadora e a consciência enganada. Na mentira, aquele que engana é totalmente consciente da verdade que oculta aquele que é enganado. Ao analisar a concepção de mentira proposta por Sartre, é possível classificá-la como um duplo processo de negação, pois, ao



assumir esse tipo de postura, o indivíduo assume uma dupla postura negativa, que é caracterizada pela negação da verdade ao seu interlocutor e negação dessa negação para si. “O ideal do mentiroso seria, portanto, uma consciência cínica, que afirmasse em si a verdade, negando-a em suas palavras e negando para si mesma esta negação.” (*Ibidem*). A verdade que o mentiroso oculta é classificada pelo filósofo francês, como um tipo de realidade transcendente. Assim sendo, ao realizar uma mentira, inicialmente o indivíduo afirma para si a transcendência que deseja ocultar, e em um duplo processo nega a transcendência ao seu interlocutor por meio das palavras que fornece, e nega para si a negação que apresenta. Por isso, para que a mentira aconteça, se faz necessário uma relação entre enganador e enganado, ou seja, uma relação de dualidade.

Destaca-se aí a característica fundamental da mentira: a ilusão de verdade pela qual a mentira se constitui vale unicamente para as outras consciências, não para o sujeito que a cria. Com efeito, a idéia mesma de “mentira” implica em que o mentiroso esteja consciente de que o que ele propõe não é senão uma ilusão - uma ilusão que ilude aos demais, bem entendido, não ele próprio - voluntariamente sustentada. Desse modo, toda problemática da mentira coloca-se ao nível das relações entre indivíduos; duas consciências, ao menos, estarão envolvidas nesse processo: para a consciência mentirosa a mentira se mostra exatamente enquanto tal; para a consciência que é iludida a mentira não aparece, justamente, enquanto mentira. (BURDZINSKI, 1999, p. 37).

Em contraposição,

Não pode dar-se o mesmo no caso da má-fé, se esta, como dissemos, é mentir a si mesmo. Por certo, para quem pratica a má-fé, trata-se de mascarar uma verdade desagradável ou apresentar como verdade um erro agradável. A má-fé tem na aparência, portanto, a estrutura da mentira. Só que - isso muda tudo - na má-fé eu mesmo escondo a verdade de mim mesmo. Assim, não existe neste caso a dualidade do enganador e do enganado. A má-fé implica por essência, ao contrário, a unidade de *uma* consciência. (SARTRE, 1997, p. 94).

Com relação a má-fé, trata-se de uma realidade subjetiva da consciência do homem, que não depende da relação entre outros indivíduos para acontecer, pois todo o fenômeno envolve uma única consciência, onde enganador e enganado são a mesma pessoa. Isso, contudo, não descarta o fato de que a má-fé aconteça em situações nas quais exista a relação entre outros sujeitos. “Não pode estar correto então, igualar a má-fé com a mentira para si mesmo, concebida em termos de uma dualidade enganador-enganado. Uma pessoa não pode saber e não saber algo ao mesmo tempo.” (COX, 2007, p. 123). Essa afirmação reforça o fato de que ao agir de má-fé, o indivíduo atua de forma totalmente consciente pelos seus atos.

A má-fé devemos caracterizar de uma forma bastante distinta. Em primeiro lugar - e isto significa: ao nível mais superficial -, a má-fé pode ser entendida como uma *mentira de si a si mesmo*. Ora, face à caracterização da mentira que acima expusemos, facilmente nos damos conta de que no caso da má-fé algo de muito curioso acontece. Uma mentira de si a si exige que reunamos em uma mesma consciência o enganador e o enganado, o ilusionista e o iludido. (BURDZINSKI, 1999, p. 37-38).

Embora a má-fé seja igualada a um ato de mentir para si mesmo: em uma tentativa de ocultar para si, aspectos da realidade que sejam considerados desagradáveis, todo esse movimento acontece de forma consciente, ou seja, ocorre na unidade da consciência humana.

Sendo a consciência uma unidade, e não uma soma de compartimentos estanques, há o problema de saber como eu posso ser, de mesmo golpe, o enganador e o enganado. Se tudo o que se passa na consciência só pode ser explicado na própria consciência, acontece então que eu sou consciente de me enganar e também consciente de ser enganado. Como enganador, devo saber que estou me enganando. Como enganado, devo crer naquilo que inventei, ocultando a verdade de mim mesmo. (PERDIGÃO, 1995, p. 119).

A psicanálise, por outro lado, tenta explicar essa realidade paradoxal da má-fé, por meio do inconsciente. “Para explicar a situação na qual a consciência se constitui ao mesmo tempo como enganador e enganado, a psicanálise atribui a consciência uma dimensão subterrânea que subsiste sob a esfera do consciente.” (BURDZINSKI, 1999, p. 38). Essa proposta foi logo criticada e refutada por Sartre, pois aceitar a existência de um inconsciente, seria concordar com a ideia da consciência existir como uma estrutura fragmentada. Além disso, concordar com a existência do inconsciente, como proposta por Freud, colocaria em cheque a existência da consciência como realidade negativa e como sendo responsável por conferir significado ao mundo, pois o inconsciente tomaria o lugar de móbil das ações homem, seria como que o fundamento da consciência. Por isso, “[...] a consciência aparece aqui comandada pelo inconsciente - um conjunto de fatos psíquicos que atuam sobre a conduta do indivíduo mas escapam ao âmbito da consciência [...]”. (PERDIGÃO, 1995, p. 123). Foi por meio destes argumentos que a psicanálise tentou explicar o fenômeno da má-fé.

As considerações da psicanálise sobre a má-fé, acabam por deturpar os conceitos propostos pela filosofia sartriana, dentre eles, um dos mais fundamentais que é o conceito de Para-si. “Na perspectiva sartriana, a hipótese do inconsciente comete um profundo equívoco ontológico: ela introduz na dimensão do para-si uma opacidade que cabe unicamente ao em-si.” (BURDZINSKI, 1999, p. 37-38). Isso significa que, ao admitir a existência do inconsciente, isso estabelece a consciência um certo caráter de realidade definida, pronta, o que é

característica do ser-Em-si. Portanto, isso negaria a existência da consciência como realidade negativa.

A distinção entre má-fé e mentira, realizada por Sartre no início do capítulo que dedica a má-fé, em *O Ser e o Nada*, possui o intuito de delimitar alguns aspectos desse importante fenômeno de sua filosofia. “Esse fenômeno é de tal importância que foi através dele que Sartre, em *O Ser e o Nada*, iniciou seu estudo da estrutura do Para-Si como o Ser que *não é o que é e é o que não é.*” (PERDIGÃO, 1995, p. 119). A má-fé só é possível por conta desse caráter negativo que define o homem, haja vista, que um dos efeitos dessa postura, consiste em negar a existência do indivíduo como realidade negativa.

Através de alguns exemplos, o escritor parisiense, apresenta com riqueza de detalhes, outros aspectos muito importantes da má-fé. Esse fenômeno pode acontecer nas mais diversas situações nas quais o indivíduo se encontra, e pode ser expresso por meio de variadas posturas que o homem assume diante dessas situações. Um exemplo clássico, adotado por Sartre para ilustrar algumas condutas de má-fé, diz respeito ao primeiro encontro de uma jovem garota com um rapaz.

Eis, por exemplo, o caso de uma mulher que vai a um primeiro encontro. Ela sabe perfeitamente as intenções que o homem que lhe fala tem a seu respeito. Também sabe que, cedo ou tarde, terá de tomar uma decisão. Mas não quer sentir a urgência disso: atém-se apenas ao que de respeitoso e discreto oferece a atitude do companheiro. Não a apreende como tentativa de estabelecer os chamados “primeiros contatos”, ou seja, não quer ver as possibilidades de desenvolvimento temporal apresentadas por essa conduta: limita-a ao que é no presente, só quer interpretar nas frases que ouve o seu sentido explícito, e se lhe dizem “eu te amo muito”, despoja a frase de seu âmago sexual: vincula aos discursos e à conduta de seu interlocutor significações imediatas, que encara como qualidades objetivas. O homem que fala parece sincero e respeitoso, como a mesa é redonda ou quadrada, o revestimento de parede azul ou cinzento. E qualidades assim atribuídas à pessoa a quem ouve são então fixadas em uma permanência coisificante que não passa de projeções de estrito presente no fluxo temporal. (SARTRE, 1997, p. 101).

Foi necessário omitir alguns detalhes do exemplo, por se tratar de uma citação extensa. Porém, isso não prejudica em nada, o entendimento de alguns aspectos da má-fé, que a situação apresenta. Em primeiro lugar, já no início da citação, o autor deixa bem claro que aqueles que agem de má-fé, agem de forma consciente, ou seja, sabem muito bem do que estão fazendo, e sabem das consequências de suas ações. Isso significa dizer que: o indivíduo que assume esse tipo de postura, não é movido por desejos ocultos que estejam fora do alcance da consciência, como a explicação proposta pela psicanálise. A mulher que vai ao primeiro encontro não está ali enganada das intenções do seu parceiro. Nada está oculto a sua consciência. Ela sabe que ao ter aceitado o convite para o encontro, terá de arcar com as possíveis consequências daquilo

que pode acontecer no desenrolar do momento. Por esse motivo, diante da situação na qual se encontra, a mulher tenta adiar a decisão que precisa tomar. Ela busca fugir das consequências de suas ações, tentando se eximir de sua responsabilidade. É como se ela estivesse mentindo a si mesma, numa tentativa de ocultar a verdade da realidade na qual se encontra. Ao assumir essa postura, a mulher tenta negar a realidade factual na qual se encontra. Porém, esse processo é realizado de forma totalmente consciente.

A mulher nega aspectos da realidade na qual se encontra, por considerá-los desagradáveis. Isso é o que acontece quando num primeiro momento. Ela fantasia a situação na qual se encontra, a fim de adiar a decisão que precisa tomar com relação ao seu parceiro. Isso contudo, é realizado de maneira totalmente consciente, pois para que a fuga de sua responsabilidade aconteça, “São necessários uma intenção primordial e um projeto de má-fé [...]”. (SARTRE, 1997, p. 94). Diante da situação na qual a mulher é a única responsável, ela age de forma dissimulada, tenta se esquivar de sua responsabilidade, nega a sua existência como um projeto de ser. Por esse motivo, ela se vale de todos os mecanismos possíveis para fugir da ação que precisa realizar.

A mulher desvirtua as intenções do seu companheiro, por meio da nadificação daquilo que considera como insinuação, se atendo apenas às posturas que considera amigáveis e respeitadas. Nesse processo é possível perceber que ela também nega aspectos da realidade, para afirmar outros aspectos que não são existentes. Embora esse movimento não seja o único instrumento da má-fé, ele é um dos instrumentos base para que a má-fé aconteça. Esse movimento de negar uma realidade para afirmar outra, é classificado por Sartre, como conceito metaestável de “transcendência-facticidade”. Esse movimento consiste na transitoriedade entre as realidades transcendentais e factuais. O indivíduo ao assumir esse tipo de postura, foge de qualquer situação que lhe exija uma decisão a ser tomada. Ele se exime de assumir a responsabilidade que é única e exclusivamente sua.

Ocorre que, na medida em que as duas dimensões devem colocar-se simultaneamente, a mulher que age de má-fé não pode jamais estabelecer-se em nenhuma delas. Estacionar em uma dessas dimensões implicaria na obrigatoriedade em assumir uma decisão, com o que a situação da má-fé se desvaneceria enquanto tal. A má-fé se caracteriza na situação descrita, portanto, como um comportamento ambíguo no qual os aspectos de transcendência e facticidade devem ser relacionados por meio de uma síntese um tanto singular; nessa síntese ambas as dimensões devem simultaneamente distinguir-se e confundir-se. (BURDZINSKI, 1999, p. 41-42)

As implicações do que fora dito na citação acima, significa que ao agir de má-fé, o indivíduo opera um duplo movimento para negar a realidade que considera desagradável, em

vista de estabelecer em seu lugar uma realidade desejável. Contudo, esse movimento é realizado constantemente pela consciência, que ora se projeta para as realidades transcendentais, ora se projeta para as realidades factuais. Esse processo não deixa de ser uma espécie de nadificação, pois ao sair de uma situação e se direcionar à outra, é necessário negar uma para afirmar a outra. Nesse processo, o indivíduo fica em um estado permanente de transição entre essas realidades, a fim de não assumir a responsabilidade que lhe cabe. Isso foi o que fez a mulher, quando negou aspectos da situação na qual se encontrava, e em lugar destes, estabeleceu realidades transcendentais (não existentes com relação ao contexto no qual se encontrava), por considerá-las mais agradáveis e cômodas para si. Portanto, ao agir de má-fé “É preciso afirmar a facticidade como *sendo* transcendência e a transcendência como *sendo* facticidade, de modo que se possa, no momento que captamos uma, deparar bruscamente com a outra.” (SARTRE, 1997, p. 102). Afirmar a facticidade como transcendência, é negar a realidade presente na qual o indivíduo se encontra, seja pelo fato de considerá-la desagradável, ou por ela não corresponder ao desejo desse indivíduo, superando-a, na direção de uma realidade melhor e mais agradável. Por outro lado, afirmar a transcendência como facticidade, é estabelecer uma realidade ideal no lugar da realidade presente.

Outros mecanismos ainda são empregados na má-fé. Trata-se de uma realidade complexa, cheia de interconexões. Ainda com relação ao exemplo que foi descrito anteriormente, outras posturas são adotadas pela mulher, a fim de que a realidade não seja assumida por ela. Com o passar do tempo, no decorrer do encontro, vai ficando cada vez mais evidente as intenções do seu companheiro. Contudo, a mulher continua a fugir das reais intenções do seu parceiro. Para continuar fugindo de sua responsabilidade, ela tenta assumir uma postura de ser-Em-si, tornando-se semelhante a um objeto do mundo e assumindo assim, características de um ser estático que não age, nem pode conferir significado ao mundo. Isso neutralizaria as suas ações, porque, ela passaria a ser vista como uma coisa, um objeto, um ser-Em-si. No nível da consciência da mulher, isso impossibilitaria que o seu companheiro continuasse a investir em algo a mais, além daquilo que para ela fosse respeitoso e cordial.

Embora tente fugir dos galanteios, a mulher deseja estabelecer uma relação com o seu interlocutor, porém se envergonha disso. Para ela, aceitar esse desejo lhe causaria humilhação e constrangimento. Por esse motivo, assume uma postura de recusa e de não aceitação, utiliza todos os artifícios que estão ao seu alcance, para retardar o momento em que deverá tomar uma decisão com relação ao encontro: continuar nele ou romper com o seu parceiro. Porém, ela opta por não decidir, assume a dupla propriedade de ser facticidade e transcendência. Isso lhe

permitia continuar no encontro sem ser obrigada a agir, pois ao assumir essa tipo de postura, a mulher estaria se revestindo de características de um ser-Em-si.

Outros aspectos da má-fé, podem ser percebidos em outras circunstâncias do cotidiano do homem. Exemplo disso pode ser verificado em situações, nas quais o indivíduo se exime de assumir a responsabilidade por suas ações, utilizando das mais variadas desculpas, para justificar as suas escolhas e ações no mundo. O uso de tais desculpas, caminha na contramão daquilo que prega o existencialismo sartriano.

A partir disso podemos compreender por que nossa doutrina apavora a certo número de pessoas. É que muitas vezes elas não conhecem outra maneira de suportar sua miséria senão pensando: ‘As circunstâncias foram contra mim, eu valia mais do que eu fui; obviamente, eu não tive grandes amores, ou grandes amizades, mas foi porque não encontrei o homem ou a mulher que fossem dignos, eu não escrevi livros muito bons, mas é porque eu não tive tempo livre para fazê-lo, eu não tive filhos a quem me dedicar, porque não encontrei o homem certo com o qual pudesse fazer a minha vida. Assim, tenho em mim uma multidão inutilizada e inteiramente viável de habilidades, inclinações e possibilidades que me dão um valor maior do que aquele que a simples série de ações que realizei permite inferir’. (SARTRE, 2014, p. 31)

Esse tipo de postura é típico de um comportamento passivo, daqueles que negam a própria existência como um contínuo movimento, pois acreditam na existência de realidades definidas e determinadas que possam impedir a ação humana. “Para Sartre, esse determinismo é o recurso dos ‘frouxos’, daqueles que preferem acreditar que a essência precede a existência, daqueles que tentam se assegurar sem muitos custos.” (ALLOUCHE, 2019, p. 64). Ao realizar tal ação, o homem tenta orientar a sua existência a partir dessas realidades. Essa atitude é classificada por Sartre como uma postura típica dos covardes. Contudo, um covarde não nasce covarde, ele se faz covarde a partir das escolhas e dos projetos que elege para si, pois ao escolher orientar a sua vida pelas vias do determinismo, desculpas e fatalismos, é também escolher um projeto.

Um outro tipo de postura caracterizada como má-fé, recebe o nome de asquerosa.

Assim, enquanto o frouxo tenta enganar a si mesmo, e nega sua situação, o asqueroso se crê ‘escolhido’. Ele marca sua vida com o selo da exceção pensando que sua constituição profunda explica o seu lugar, suas vantagens ou sua onipotência sobre os demais. No entanto, seu valor e sua importância são irrisórias, nada mais que justificativas erradas de uma experiência totalmente arbitrária. Confundindo o em-si e o para-si, o asqueroso produz e difunde um essencialismo em que a ‘coisificação atinge seu ápice em um mundo onde ele se destaca. Conduzindo-nos ao estatuto de objeto, o asqueroso nos transforma em suas vítimas.

Como secretários, tomamos a iniciativa de um procedimento que visa facilitar o trabalho da empresa em que trabalhamos. Sabendo disso, eis que vem o patrão e nos diz: “Gostaria de lembrá-lo que você é apenas um secretário, e ninguém lhe pediu para ter iniciativas. O patrão sou eu”. Situação perfeitamente humilhante e desvalorizante. Para Sartre, o asqueroso se identifica a tal ponto com sua função que ele nos coisifica

e nos nega nossa condição de sujeitos livres enquadrando-nos dentro de uma categoria redutora.” (ALLOUCHE, 2019, p. 65-66).

O asqueroso é aquele se define como um ser acabado, pois confunde aquilo que realiza como aquilo que é. Ele justifica a suas ações e existência no mundo, a partir de suas atribuições. São aqueles que se consideram melhores e mais superiores que outros, porque exercem algum tipo de atividade que os destaca. É comum que esse indivíduo, em alguns momentos de sua existência, se valha da posição que ocupa em determinadas situações, para negar a existência dos outros indivíduos como liberdade, tentando privá-los de agir. Por meio desta ação, o asqueroso coisifica os outros indivíduos com os quais estabelece relação, e lhes retira o direito de agir como seres-Para-si. Ao olhar para a história dos acontecimentos humanos, é possível encontrar uma série de eventos que ilustram muito bem esse tipo de postura asquerosa. Exemplos disso podem ser constatados, nas relações estabelecidas entre senhores e escravos, durante o regime escravocrata, no Brasil; durante o regime nazista, na Alemanha, e em tantas outras situações nas quais indivíduos agiram de forma asquerosa. Esse tipo de postura classificada como asquerosa, não se restringe a um grupo seletivo de pessoas. Todos os indivíduos estão sujeitos a assumir uma postura asquerosa, “Pois como vimos, as questões de consciência são sem dúvida conflitivas, de modo que devemos admitir com lucidez que nada nos protege de agirmos também de maneira asquerosa.” (ALLOUCHE, 2019, p. 67).

Por meio deste capítulo, foi possível acompanhar alguns desdobramentos desse importante fenômeno da filosofia sartriana, que é a má-fé. Esse fenômeno só é possível porque o homem existe como realidade negativa, pois “Se o homem é o que é, a má-fé será definitivamente impossível, e a franqueza deixará de ser seu ideal para tornar-se seu ser.” (SARTRE, 1997, p. 105). Ou seja, a má-fé já não teria sentido se o homem fosse um Em-si, já que ao agir de má-fé, o homem tenta negar a sua existência como realidade negativa, ou seja, como projeto que precisa ser assumido constantemente pelo homem. Embora pareça ser paradoxal, a má-fé só é possível e tem sentido, porque o homem é liberdade, pois do contrário, esse fenômeno sequer existiria.

Em linhas gerais, a má-fé pode ser entendida como uma ação individual do homem, que busca negar características inerentes a sua condição de existir como projeto de ser. O homem existe como projeto porque é livre, e sendo livre, está condenado a assumir a cada instante de sua existência essa condição existencial que o caracteriza. “[...] não temos a definição e a plenitude que as coisas têm. A liberdade mostra que somos nada de ser, que somos um vazio que sempre quer se completar, definir-se.” (SOUZA, 2019, p. 48). Uma das

características da má-fé, consiste na recusa dessa condição existencial que caracteriza o indivíduo.



## CONCLUSÃO

Neste trabalho, o primeiro passo realizado foi apresentar de forma geral algumas considerações sobre o existencialismo filosófico, com ênfase nas contribuições de Sartre a esta linha de pensamento. Isso possibilitou entender que a originalidade do seu pensamento, consiste na concepção da liberdade como uma realidade ontológica que caracteriza o homem. Dessa realidade decorre a responsabilidade que está diretamente atrelada a esse conceito. Além disso, a liberdade como pensada por Sartre só é possível, graças a existência de tensões e forças antagônicas que tentam definir o homem a todo instante de sua existência. Sem a existência desses limites, a liberdade seria apenas uma realidade abstrata e desconexa do mundo: o que de modo algum corresponde com a proposta de Sartre. Ao apresentar uma nova ideia de liberdade, a sua intenção foi mostrar que essa realidade, vista muitas vezes como complexa e abstrata, e por esse motivo, tão mal compreendida, está diretamente atrelada aos acontecimentos mais cotidianos da vida humana.

A liberdade não pode ser pensada sem a responsabilidade, pois uma realidade está diretamente atrelada a outra. Assim sendo, a primeira consequência da concepção sartriana de liberdade, é o estabelecimento do homem como o único responsável por sua existência no mundo e por todos os seus atos. Essa responsabilidade sobre si mesmo, não significa um isolamento do homem com relação aos demais indivíduos. Cada indivíduo é responsável por si e por todos os outros. Por esse motivo, a responsabilidade advinda da liberdade sartriana não pode ser confundida como um tipo concepção subjetivista, que foca todas as atenções no indivíduo e esquece da dimensão coletiva. Antes de agir, cada indivíduo deve pensar nos possíveis impactos que as suas ações podem provocar para os outros, nos possíveis efeitos que elas podem causar para o mundo. Isso acontece porque, as ações humanas não podem estar desvinculadas do mundo, do contexto no qual cada indivíduo se encontra, pois a liberdade acontece dentro dos limites da facticidade. Se furtar de tais questionamentos é agir de má-fé.

Embora a liberdade seja entendida como uma condenação, constantemente o homem tenta se eximir dessa condição existencial e de suas responsabilidades, assumindo assim, uma postura de má-fé. Até mesmo esse tipo de postura não deixa de ser uma expressão dessa condição existencial, a qual todos os indivíduos estão condenados, ou seja, o homem só pode negar a liberdade, porque é livre. Ainda com relação a má-fé, ela também pode ser entendida como um tipo de nadificação. Portanto, deve ser entendida à luz das realidades negativas.

O pensador parisiense possuía uma preocupação genuína com o fato do homem está inserido no mundo, vivendo com outros indivíduos, ou seja, na coletividade. Sartre acreditava

que para entender bem a coletividade, antes se fazia necessário compreender bem o indivíduo em sua singularidade. Esses são alguns motivos que o levaram a criticar o marxismo, pois embora, acreditasse que essa doutrina tivesse um grande potencial para ajudar o homem, ele percebia que o marxismo precisava de um fundamento. Tal elemento seria a própria subjetividade humana.

Outros desdobramentos da liberdade sartriana também foram apresentados, com destaque para o processo de nadaificação, operado pela consciência. Nenhuma ação do homem pode ser entendida sem esse processo. É por meio dele que Sartre explica o surgimento do Nada no mundo e fundamenta a sua importância para a compreensão do homem enquanto liberdade. No existencialismo sartriano, o Nada é uma espécie de luz sem a qual não se consegue enxergar ou compreender muita coisa. Esse é um dos elementos que tornam essa concepção filosófica ainda mais singular, colocando-a em um lugar de destaque com relação às outras. É interessante perceber como o filósofo francês se vale dessa realidade tão complexa, tornando-a um dos elementos fundamentais de sua filosofia. Aquilo que para alguns filósofos era uma abstração sem sentido, na filosofia de Sartre torna-se o fundamento para entender a existência do homem como liberdade, as suas relações com os outros indivíduos e as suas ações.

A realização do caminho descrito nos parágrafos acima, juntamente com a retomada de alguns conceitos propostos por Sartre em sua filosofia, foi o que possibilitou a resolução do problema desta pesquisa. Revisitar estes aspectos, proporciona uma profunda reflexão sobre a ação do homem no mundo e a sua relação com os outros indivíduos. Embora o escritor parisiense estabeleça a subjetividade como ponto de partida para as suas reflexões filosóficas existencialistas, isso não significa que ele esteja propondo uma espécie de subjetivismo. Muito pelo contrário, pois ao propor novos conceitos que ajudem na compreensão da existência humana, Sartre leva em consideração o fato do homem estar inserido no mundo se relacionando constantemente com outros indivíduos.

Dentre as descobertas que foram realizadas neste trabalho, faz-se menção para a indissociável relação entre ser livre e ser responsável. Por mais que o homem tente se eximir de suas responsabilidades diante de sua existência no mundo, isso não é possível, pois essa condição é decorrente de sua condenação a liberdade. Portanto, diz respeito a uma realidade inegável e irrefutável da qual nenhum indivíduo possa escapar. Talvez a falta de compreensão dessas considerações, por alguns indivíduos, seja o que justifique posturas irresponsáveis e descomprometidas consigo e com os outros, beirando muitas vezes a ações totalmente desvinculadas do mundo.

Esse trabalho também possibilitou entender alguns aspectos da vida de Sartre que estão além de suas teorias filosóficas. Ele foi um homem de ação e esteve envolvido em vários movimentos políticos e sociais de sua época. Por isso, é possível perceber que existe uma correspondência muito direta entre aquilo que Sartre escreveu e aquilo que ele viveu. Assim sendo, teoria e prática são realidades que caminham de mãos dadas na filosofia sartriana. Outro aspecto muito importante, é o fato da sua filosofia ser entendida como uma espécie de manifesto contra toda e qualquer tipo de estrutura que tenta estabelecer o homem em um lugar de passividade. Por isso, a sua proposta é que o homem se entenda como um ser autônomo, como liberdade, capaz de agir por si mesmo, desvencilhado de toda e qualquer amarra que o impeça de agir com autonomia. Isso vale tanto para a sua época quanto para o tempo presente. Portanto, é extremamente atual.

Revisitar as considerações sartrianas sobre a liberdade e a responsabilidade é sempre a oportunidade para compreender a existência humana como uma realidade que deve ser cada vez mais assumida por cada indivíduo, sem o uso de subterfúgios que, muitas vezes, são utilizados para justificar as atrocidades, fracassos e também os sucessos que a ele sejam atribuídos. O homem existe como um ser totalmente desamparado. Por ser lançado ao mundo, está obrigado a agir a cada instante de sua existência, assumindo a total responsabilidade por suas ações. Por esse motivo, não há lugar para desculpas e fugas que possam justificar as suas ações.

A responsabilidade não se trata de uma realidade externa que lhe é imposta. Trata-se de uma condição existencial da qual nenhum indivíduo possa se furtar. Todas as guerras e tragédias que envolvam a ação humana, só podem ser explicadas pelo próprio homem. Ele é o único responsável por sua existência e por todos os acontecimentos que o cercam, sejam eles positivos ou negativos. Ainda com relação às considerações que foram realizadas neste trabalho, a temática abordada no segundo capítulo pode apontar para futuras investigações no âmbito das considerações de Sartre sobre o conceito de nadação e a sua relação com a consciência.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALLOUCHE, Frédéric. **Ser livre com Sartre**. Tradução de João Batista Kreuch. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- BORNHEIM, Gerd. **Sartre: Metafísica e Existencialismo**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BURDZINSKI, Júlio César. **Má-fé e autenticidade: um breve estudo acerca dos fundamentos ontológicos da má-fé na obra de Jean-Paul Sartre**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
- CERBONE, David R. **Fenomenologia**. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2012.
- COHEN-SOLAL, Annie. **Jean-Paul Sartre**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2005.
- COX, Gary. **Compreender Sartre**. Tradução de Hélio Magri Filho. Petrópolis: Vozes, 2007.
- GILES, Thomas Ransom. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.
- GOLDSCHMIDT, Victor. **A Religião de Platão**. Tradução de Ieda e Oswaldo Porchat Pereira. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- LIMA, Antonio Balbino Marçal (org.). A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: LIMA, Antonio Balbino Marçal. **Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty**. Ilhéus: Editus, 2014.
- OLIVEIRA, André Luiz Holanda de. **A noção de existência autêntica em Kierkegaard**. 2003. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Escola de Pós-Graduação, UFPE, Recife, 2003.
- PERDIGÃO, Paulo. **Existência e liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução de Caesar Souza. 2. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- RODRIGUES, Malcom Guimarães. **Consciência e má-fé no jovem Sartre: a trajetória dos conceitos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. Tradução de Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- SARTRE, Jean-Paul. **A transcendência do Ego: esboço de uma teoria fenomenológica**. Tradução de João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada - Ensaio de ontologia fenomenológica**. Tradução de Paulo Perdigão. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SILVA, Cléa Gois. **Liberdade e consciência no existencialismo de Jean-Paul Sartre**. Londrina: Ed. Da UEL, 1997

SILVA, Franklin Leopoldo e. **Sartre e o humanismo**. São Paulo: Barcarolla: Discurso Editorial, 2013.

SOUZA, Thana Mara de. **A liberdade em Sartre**. São Paulo: Edições 70, Discurso Editorial, 2019.